

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Humberto Arleo Petrarca

**EDUCAÇÃO DO CAMPO, TERRITÓRIO E CINEMA “LÁ FORA”:
O CASO DA EMCEF MARIA MANOELA DA CUNHA TEIXEIRA**

Santa Maria, RS
2020

Humberto Arleo Petrarca

**EDUCAÇÃO DO CAMPO, TERRITÓRIO E CINEMA “LÁ FORA”: O CASO DA
EMCEF MARIA MANOELA DA CUNHA TEIXEIRA**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Geografia, Área de Concentração em Análise Ambiental e Dinâmica Espacial, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Geografia**.

Orientadora: Ane Carine Meurer
Coorientador: Cesar de David

Santa Maria, RS
2020

Petrarca, Humberto Arleo
Educação do Campo, Território e Cinema "Lá fora": o
caso da EMCEF Maria Manoela da Cunha Teixeira / Humberto
Arleo Petrarca.- 2020.
110 p.; 30 cm

Orientadora: Ane Carine Meurer
Coorientador: Cesar de David
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Naturais e Exatas, Programa de
Pós-Graduação em Geografia e Geociências, RS, 2020

1. Cinema 2. Educação do Campo 3. Território I. Meurer,
Ane Carine II. de David, Cesar III. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

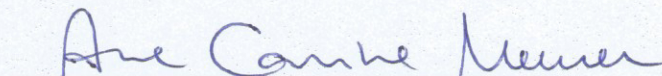
Declaro, HUBERTO ARLEO PETRARCA, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

Humberto Arleo Petrarca

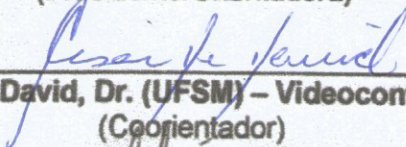
**EDUCAÇÃO DO CAMPO, TERRITÓRIO E CINEMA "LÁ FORA": O CASO DA
EMCEF MARIA MANOELA DA CUNHA TEIXEIRA**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Geografia, Área de Concentração em Análise Ambiental e Dinâmica Espacial, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Geografia**.

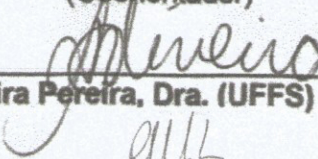
Aprovado em 30 de junho de 2020:



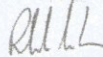
Ane Carine Meurer, Dra. (UFSM) - Videoconferência
(Presidente/Orientadora)



Cesar de David, Dr. (UFSM) - Videoconferência
(Coorientador)



Ana Maria de Oliveira Pereira, Dra. (UFFS) - Videoconferência



Rivaldo Mauro de Faria, Dr. (UFSM) - Videoconferência

Santa Maria, RS
2020

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho àqueles que me deram amor e inspiração:

Meus pais:

Archanjo e Lizety;

meus irmãos: Camillo e Rafael;

A minha esposa Daniele e, sobretudo, ao meu filho

Humbertinho.

AGRADECIMENTOS

A minha **GRATIDÃO**:

A Deus, pela vida e inspiração;

*À professora Dra. Ane Carine Meurer, minha orientadora, por acreditar e me apoiar durante esta caminhada sempre compartilhando seu conhecimento e sendo assim
inspiração no fazer educação;*

Ao Programa de Pós-Graduação em Geografia – UFSM, pela assistência e atenção;

*Ao professor Dr. Cesar de David, que com suas palavras inspiradoras me ajudaram
a dissipar dúvidas e incertezas;*

À professora Dra. Ana Maria de Oliveira Pereira, pelos ensinamentos;

Ao professor Rivaldo Mauro Faria, pelo olhar minucioso e dedicado;

À colega Mirieli da Silva Fontoura por apoiar nossa caminhada;

Aos colegas da Pós-Graduação, pelas vivências, companheirismo e solidariedade;

*Aos meus familiares e colegas de escola que me acompanharam nesta trajetória
com gestos de apoio e carinho;*

*À equipe diretiva, aos professores e alunos da EMCEF Maria Manoela da Cunha
Teixeira pela troca de experiências e pela oportunidade de lá retornar;*

À Daniele e Humbertinho, pela compreensão, atenção e amor;

Enfim, a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste sonho.

*“A luta espiritual é tão brutal quanto a
batalha dos homens; mas a visão da
justiça é um prazer só de Deus”
(Arthur Rimbaud).*

RESUMO

EDUCAÇÃO DO CAMPO, TERRITÓRIO E CINEMA “LÁ FORA”: O CASO DA EMCEF MARIA MANOELA DA CUNHA TEIXEIRA

AUTOR: Humberto Arleo Petrarca
ORIENTADORA: Ane Carine Meurer
COORIENTADOR: Cesar de David

Apesar de vivermos em um mundo conectado e globalizado, os educandos e educandas das Escolas do Campo seguem muitas vezes, devido às longas distâncias de suas localidades, à margem das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs). Não obstante disso, o uso de novas Tecnologias, como o cinema, estão cada vez mais sendo utilizadas nas práticas pedagógicas, até mesmo porque oportunizam a criatividade dos educandos e o seu desenvolvimento no processo de ensino e aprendizagem. Neste sentido, é necessário fazer o seguinte questionamento: “*O Cinema pode contribuir para efetivar as dinâmicas da Educação do campo, bem como no resgate da cultura tradicional do sujeito do campo no caso da Escola Municipal do Campo de Ensino Fundamental (EMCEF) Maria Manoela da Cunha Teixeira – município de São Gabriel/RS?*”. Com isso, a metodologia usada foi a pesquisa-ação, em que foram realizadas oficinas, workshops, e entrevistas, além da análise do Projeto Político-Pedagógico da Escola e de todo o processo utilizado com vistas à realização da proposta. Esta metodologia proporciona aos pesquisados o protagonismo na construção de sua trajetória e dos resultados obtidos. Ressalta-se como objetivos específicos desta pesquisa: a) analisar o município de São Gabriel nos aspectos econômicos, educacionais, especialmente vinculados às escolas do campo; b) caracterizar a EMCEF Maria Manoela da Cunha Teixeira; c) utilizar o cinema como ferramenta pedagógica na aprendizagem dos alunos no município de São Gabriel e d) analisar o protagonismo proporcionado por meio do “fazer cinema” no pertencimento desses sujeitos sociais ao campo. Os resultados obtidos certificam como o cinema pode e deve ser usado como ferramenta pedagógica nas escolas do campo para a construção de sujeitos críticos e protagonistas de sua própria trajetória. A referida pesquisa procura trazer à luz a importância do uso desta ferramenta pedagógica nas escolas do campo, a fim de valorizar tais sujeitos e, assim, contribuir para a efetivação da autonomia destes ao assumirem o protagonismo e tornarem-se senhores de sua própria narrativa colaborando, assim, para a construção e solidificação do território camponês.

Palavras-chave: Cinema. Educação do Campo. Território.

ABSTRACT

RURAL EDUCATION, TERRITORY, CINEMA "OUTSIDE": THE CASE OF EMCEF MARIA MANOELA DA CUNHA TEIXEIRA

AUTHOR: Humberto Arleo Petrarca
ADVISOR: Ane Carine Meurer
COADVISOR: Cesar de David

Although we live in a connected and globalized world, the students of the Field School often follow, due to the long distances from their locations, on the margins of Digital Information and Communication Technologies (TDICs). Notwithstanding this, the use of new technologies, such as cinema, are increasingly being used in pedagogical practices, not least because they provide opportunities for the creativity of students and their development in the teaching and learning process. In this sense, it is necessary to ask the following question: "Cinema can contribute to effecting the dynamics of rural education, as well as in the rescue of the traditional culture of the rural subject in the case of the Municipal School of the Elementary School (EMCEF) Maria Manoela da Cunha Teixeira - municipality of São Gabriel / RS". With that, the methodology used was action research, in which workshops, workshops, and interviews were carried out, in addition to the analysis of the Political-Pedagogical Project of the School and of the whole process used with a view to carrying out the proposal. This methodology provides the respondents with a leading role in building their trajectory and the results obtained. The specific objectives of this research are highlighted: a) to analyze the municipality of São Gabriel in economic, educational aspects, especially linked to rural schools; b) characterize the EMCEF Maria Manoela da Cunha Teixeira; c) use cinema as a pedagogical tool in the learning of students in the municipality of São Gabriel and d) analyze the protagonism provided through "making cinema" in the belonging of these social subjects to the field. The results obtained certify how cinema can and should be used as a pedagogical tool in rural schools for the construction of critical subjects and protagonists of their own trajectory. The aforementioned research seeks to bring to light the importance of using this pedagogical tool in rural schools, in order to value these subjects and, thus, contribute to the effectiveness of their autonomy when they assume the role and become masters of their own narrative collaborating , thus, for the construction and solidification of the peasant territory.

Keywords: Cinema. Rural Education. Territory.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACI	Associação Comercial e Industrial
AEE	Atendimento Educacional Especializado
CDL	Clube de Diretores e Lojistas
COTRIBÁ	Cooperativa Triticola de Ibirubá
COTRISEL	Cooperativa Triticola Sepeense
EMATER	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
EMCEF	Escola Municipal do Campo de Ensino Fundamental
EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
FAEL	Faculdade Educacional da Lapa
IFFar	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
PDDUA	Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental
PPP	Projeto Político-Pedagógico
SEME	Secretaria Municipal de Educação
SENAC-RS	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SindiLojas	Sindicato dos Lojistas
TDICs	Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UNINTER	Centro Universitário Internacional
UNIPAMPA	Universidade Federal do Pampa
UNOPAR	Universidade Norte do Paraná
URCAMP	Centro Universitário da Região da Campanha

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de localização de São Gabriel na Mesorregião Sudoeste do Rio Grande do Sul	35
Figura 2 - Mapa político-administrativo do município de São Gabriel/RS – Distritos.	36
Figura 3 - Apresentação da proposta de estudo e início do minicurso.....	47
Figura 4 - Palestra “Produção Cinematográfica nas Escolas do Campo”	48
Figura 5 - Oficina cinematográfica aos alunos da EMCEF Ernesto Annoni	50
Figura 6 - Mapa de localização da EMCEF Maria Manoela da Cunha Teixeira	51
Figura 7 - Horta da EMCEF Maria Manoela	53
Figura 8 - Viagem à Quinta da Estância.....	55
Figura 9 - Dia de Campo/comemoração do Natal na casa de um assentado	56
Figura 10 - Visita a uma propriedade do assentamento	57
Figura 11 - Formatura 9º ano	58
Figura 12 - Filmagem dos alunos	74
Figura 13 - Questão 01	80
Figura 14 - Questão 02	80
Figura 15 - Questão 03	81
Figura 16 - Questão 04	82
Figura 17 - Questão 05	82
Figura 18 - Questão 06	83
Figura 19 - Alguém muito especial	86
Figura 20 - Filmagens	89
Figura 21 - Turma do 9º ano	96

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	21
1.1	METODOLOGIA	27
2	ASPECTOS GERAIS DA UNIDADE TERRITORIAL DO MUNICÍPIO DE SÃO GABRIEL/RS E O CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO NO MUNICÍPIO	35
2.1	A ATUAL SITUAÇÃO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO EM SÃO GABRIEL.....	43
2.2	1º CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DE SÃO GABRIEL/RS	46
3	A EMCEF MARIA MANOELA DA CUNHA TEIXEIRA E SUA CONCEPÇÃO PEDAGÓGICA	51
4	UMA BREVE HISTÓRIA DO CINEMA E A EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	60
5	CONSIDERAÇÕES ACERCA DO TERRITÓRIO: A EDUCAÇÃO DO CAMPO E O USO DO CINEMA “LÁ FORA”	67
5.1	O CONCEITO DE PODER E DE TERRITÓRIO NA CIÊNCIA GEOGRÁFICA... ..	67
6	O CINEMA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NA CONSTRUÇÃO DO PROJETO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO	73
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
	REFERÊNCIAS	103
	APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO APRESENTADO AOS PROFESSORES DA EMCEF MARIA MANOELA DA CUNHA TEIXEIRA	107
	APÊNDICE B - ENTREVISTA COM OS PAIS DOS ALUNOS DA EMCEF MARIA MANOELA DA CUNHA TEIXEIRA.....	108
	APÊNDICE C - ENTREVISTA COM OS ALUNOS DA EMCEF MARIA MANOELA DA CUNHA TEIXEIRA	109
	APÊNDICE D - ROTEIRO DE ATIVIDADES APLICADAS DURANTE O PROJETO COM OS ALUNOS DA EMCEF MARIA MANOELA DA CUNHA TEIXEIRA	110

1 INTRODUÇÃO

“Eu sou eu e minha circunstância, e se não salvo a ela, não me salvo a mim” (José Ortega y Gasset).

Quando pensei em fazer este mestrado, muitas coisas me vieram à cabeça, muitas dúvidas e, principalmente, muitos questionamentos. O medo de não terminar o que ainda não havia começado, de não conseguir alcançar o mínimo necessário (mas estaria aqui para entregar o mínimo?), desde quando o mínimo para mim se tornou o suficiente? Quantos desafios a enfrentar, quantas privações, momentos de angústias, sem a certeza de conseguir. De me entregar a algo que fosse além de uma simples conquista, de um diploma. O que eu procurava? O que me afligia? Seriam as respostas àquelas que afligem a todos nós, a toda a humanidade? Mas o que é a humanidade? O que dela sabemos? Um mero e desatento equívoco de uma fração de segundos, um eterno vir a ser, ou mais uma obra arbitrária de Deus?

O homem é acaso algo mais que um ser evoluído através dos mundos intermediários das floras e das faunas? É desde o presente um ser acabado, ou, o que lhe reservará a história? O vir a ser eterno não terá um fim? Quais são as molas desse grande relógio? Estarão ocultas? Mas, por longa que seja a duração da grande hora que chamamos história, a cada instante as horas são as mesmas. As peripécias estão inscritas no mostrador, o ponteiro caminha e, quando houver soado a derradeira hora, recomeça uma série: é o prólogo de um período da história da humanidade. Aventurar-se, sem guia nem compasso, no oceano da dúvida, é perdição e loucura para cérebros jovens; a maior parte é destruída pela tempestade e, pequeno o número dos que descobrem as novas regiões, perde-se por entre praias distantes.

Um turbilhão infinito de pensamentos populares é resultado desolador; devemos ater-nos aos grandes movimentos, ao dia em que a multidão compreenda que todo o cristianismo está fundamentado sobre afirmações gratuitas. Todavia, a existência de Deus, a imortalidade, a autoridade da Bíblia, a revelação, estes ficarão para sempre como problemáticas. Eu ensaiei negar a tudo: a grande farsa persiste, ah! Destruir é fácil, mas construir, eis nossa derradeira tarefa. Que procuramos com nossos esforços? O repouso? A felicidade? Não, nada mais que a verdade, embora terrível e má possa nos revelar. Eis, portanto, como se dividem os caminhos do

homem: se queres o repouso da alma e a felicidade, o crê; mas se queres ser um discípulo da verdade, busque-a.

Eis aqui uma verdade que descobri: A guerra que nos foi declarada pelo vírus da nossa ignorância é o mais horrível demônio que se abateu sobre a nossa cultura... Que mais iremos experimentar?

Ainda sem encontrar respostas para todas as minhas dúvidas, continuei... Amigo, caro amigo, estamos mais uma vez no crepúsculo da paz, na passarela de delírios com os mortos. Que significam hoje todas as nossas aspirações? Seremos não mais que seus escravos? Ou estaremos talvez somente no começo do fim? Que deserto de soluções! Onde estão as respostas que não tenho?

Percorro os campos de batalha dos meus devaneios em busca de resposta, percebo milhares de homens, feridos, morrendo através de um tubo de TV. Tudo isso impressiona vivamente o vazio da alma. Desaparece em mim totalmente a antiga repugnância a multidões. Atendo todos os feridos, dou o melhor de minhas forças para servir a estes pobres soldados atingidos pelo incerto. Ligo minha sorte a deles, e com eles luto, em luto.

Serão eles nossos primeiros irmãos? Ou serão mais tarde os inimigos que por desventura assassinares? Recordo-me de uma noite solitária e fria da minha imaginação, quando estendido num vagão de mercadorias e porcos, com feridos contaminados e confinados a mim, alimentava minhas dúvidas e, em um incansável desespero, não cessava de explorar em pensamento alguns abismos da tragédia em que se encontra a humanidade.

Algum tempo depois meu entusiasmo se desvanece. Compreendo que uma nação poderosa é um perigo para qualquer cultura, e confesso: Eis aqui seguramente o mais estranho aspecto que suscitou em mim neste tempo de guerra contra inimigos invisíveis e desesperanças conectáveis: um anacoretismo moderno, uma impossibilidade de viver de acordo com o Estado... Este desdém pelas coisas puras, pela mistificação das ideologias, pelas alternâncias de lados e de sentimentos...

O real significado de nossa insatisfação seria tão somente elucubrações de um mundo sem a inteligência do frio, sem a verdade das madrugadas vazias, que rondam incansavelmente as janelas entreabertas de nossas desilusões.

Há homens cujos olhos se perdem nas distâncias. Buscadores incansáveis dos domínios do pensamento traçam à humanidade um caminho. E seguem incompreendidos e solitários em meio da multidão.

Agora, perto da derradeira hora, reconheço no império do racionalismo, que o homem vive como um “exilado do céu”, impuro, nostálgico e inconsequentemente dependente de um mundo-verdade, encadeado eternamente às algemas da consciência de uma rede social.

Eis que é preciso libertá-lo, se queres libertar sua própria consciência. Sim, porque o irracionalismo não é uma refutação da consciência vigilante, mas apenas um gesto libertário do homem que conquista uma maior profundidade, para que possa, amanhã, na realização de um novo ciclo, ampliar sua consciência.

De quarentena, afastado dos homens, procuro-os dentro de mim mesmo, postulo que a humanidade está mais no indivíduo que o indivíduo na humanidade. Mas a solidão nos aproxima uns dos outros, e assim olhamos o mundo com um olhar mais benevolente, um olhar de boa vontade. Onde estão meus amigos de outrora? Amigos os quais me sentia antigamente tão estreitamente unido? Habitamos mundos diferentes agora, já não falamos mais a mesma língua. Como um estranho, como um proscrito, vago por ruas vazias: nenhuma palavra, nenhum olhar me espera. Calo-me, pois ninguém poderia compreender as minhas palavras. Ah! Posso dizer que nem eu mesmo as compreenderia. É terrível sermos condenados ao silêncio quando temos tanto a dizer... A incomunicabilidade, na verdade, é a mais terrível de todas as solidões. Fui criado para nunca encontrar quem pudesse, ou quisesse me entender...

Ser diferente, ou no meu caso, indiferente, é carregar consigo uma verdade a mais, que não se deve conhecer. A necessidade por amigos de um homem profundo, de um buscador, somente se esgota no convívio de Deus, pois eu confesso, não tenho mais Deus, nem muito menos amigos.

A solidão é o apanágio de todas as execuções, a solidão, é sempre maior nas horas crepusculares, e a ideia do suicídio, ajuda-nos a suportar as noites más... O solitário ama a vida pelas suas ausências, e segue pelo caminho que leva a si próprio.

Na minha alma não há desinteresses, pelo contrário, há um “eu” que tudo deseja que nada quer perder, mas que por isso, nada pode pertencer... Maldita seja a chama da avidez, o não poder reencarnar mil vezes, em mil seres diferentes.

Refém da angústia é aquele que desejou ir muito além de si mesmo, e se entregou a penetrar avidamente sem medo e sem cansaço, pelos campos inauditos do conhecimento. Seria apenas um devaneador? Não, não há lugar para singelas comparações em minha ode. Na eterna busca, de conhecer os limites da consciência, desejei-a, e a quis, e por isso mesmo sofremos, nessa ânsia de não poder penetrar pelos caminhos insondáveis em que se quer alcançar tudo aquilo que nossa alma almeja.

Sem medo de julgamentos pueris, confesso a todos que fui um daqueles que nunca acreditou nos movimentos exclusivamente coletivos para um progresso humano, sentencio: os esforços são sempre maiores que os resultados, e principalmente acreditei que a libertação dos homens é também obra de cada um. E, para que cada um possa construir o seu destino, faz-se a cada um o necessário libertar-se, primeiramente das algemas, e dessas mentiras milenares que criaram o desgosto ou o apreço pela vida...

Solene e altivo, uma noite sozinho, entre garrafas vazias professei que, pelo caminho, nas noites escuras, por entre as sombras pousadas sobre as árvores, havia as vozes tênues das serpentes, que lhe segregavam estremecimentos. Que lhe adiantava ter olhos voltados para os céus e interrogar a noite carregada de estrelas? Não era mais um simples espectador. Era demasiadamente noturna sua alma para que não anelasse a luz matutina. Havia muitas sombras lá dentro para que não desejasse a hora do meio dia quando as sombras desaparecem.

É de espectador que interpretava, também, o mesmo drama cósmico e punha-se a compor o poema dos que realizam.

Somos nós que criamos o vírus que interessa aos homens? Somos nós então os algozes do mundo... Por esse caminho que acometem as ansiedades, vacila, recua, exclama para não dar a ti mesmo a obstinação que lhe falta. Se tu o quiseste, por que deixaste o caminho? Audácia! É o instante! Olhar frio e claro! Está perdido, se acreditares no perigo!

Sem encontrar respostas nem desejar conflitos, atrevo-me a dizer que somente agora, à beira do abismo, compreendi que vivemos inteiramente no passado, alimentados por pensamentos estéreis, crenças obsoletas e ciências mortas. E é o passado que nos devora, não o futuro. O futuro foi e sempre será daqueles que têm coragem e a audácia de ir buscá-lo.

O futuro está logo ali, e ele nos espera.

Após essa longa reflexão, continuo trazendo comigo meus medos e angústias; incertezas e hesitações, mas não me entrego a mim mesmo, luto contra minha morbidez e o desejo de não sair do lugar, não acharei as respostas em mim mesmo, logo me entrego nesta aventura de tentar compreender o mundo nos olhos de outros, outros melhores que eu, só assim então terei uma melhor compreensão do mundo em que vivemos e das pessoas que nos tornamos, nos aspectos que evidenciamos. Enfim, tomo coragem de enfrentar este estudo a que me propus, sem adiamentos e negações, assumo agora o encargo que me cabe como educador de uma escola do campo, hora de enfrentar as dificuldades e finalizar o trabalho que por mim mesmo foi imposto, com a esperança de jogar luz e dar voz àqueles que lutam sozinhos e em silêncio, pois apesar de vivermos em um mundo conectado e globalizado, os educandos e educandas das Escolas do Campo seguem muitas vezes, devido às longas distâncias de suas localidades, à margem dos avanços tecnológicos existentes.

Apesar disso, levamos em consideração que as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), as quais servem como ferramentas audiovisuais, cada vez mais são utilizadas nas práticas pedagógicas, até mesmo porque oportunizam a criatividade dos educandos, bem como o seu desenvolvimento no processo de ensino e aprendizagem. Com isso, segundo Costa, Duqueviz e Pedroza (2015, p. 606) sobre o uso das Tecnologias Digitais como instrumentos mediadores para nativos digitais, entende-se que

[...] o uso das tecnologias digitais para o desenvolvimento de aprender a conhecer e aprender a fazer tem mostrado uma nova construção simbólica da cultura perante o uso de instrumentos contemporâneos, de modo a impactar a construção subjetiva de como os nativos digitais aprendem (Rossato, 2014). Assim, ser sujeito na cultura digital denota possuir conhecimentos das tecnologias digitais, instrumentos estes que são, também, materiais e simbólicos (Freitas, 2008, 2010).

Nessa perspectiva, sinalizam-se os sujeitos da pesquisa enquanto protagonistas da Escola Municipal do Campo de Ensino Fundamental (EMCEF) Maria Manoela da Cunha Teixeira localizada na área rural do município de São Gabriel/RS, distrito de Azevedo Sodré. Para tanto, novos olhares sobre as práticas pedagógicas voltadas à Educação do Campo sob o viés da categoria geográfica território, bem como a ferramenta pedagógica cinema permeiam esta proposta de estudo.

Vale acenar que a escola em estudo não foi eleita aleatoriamente, muito pelo contrário, tal escola constitui parte do meu fazer pedagógico, da minha trajetória enquanto educador. E, sobretudo, constitui uma significativa memória da minha prática de ensino, em um processo de troca de saberes dos quais rompem os muros escolares e se efetivam em valores para toda a vida, o que ampara a escolha da metodologia aplicada em tal estudo.

Neste sentido, no que tange à problemática investigativa, é necessário fazer o seguinte questionamento: *o Cinema pode contribuir para efetivar as dinâmicas da Educação do campo, bem como no resgate da cultura tradicional do sujeito do campo no caso da EMCEF Maria Manoela da Cunha Teixeira – município de São Gabriel/RS?*

Justificamos a importância de uma proposta como esta haja vista que possibilita aos profissionais da educação uma sensível compreensão da realidade de sua comunidade escolar a fim de, com isso, entender o contexto que envolve a conjuntura de uma Escola do Campo, para somente assim, abastecer as necessidades de todos os educandos e educandas, considerando-se o seu território, pois como afirma Caldart (2004, p. 13):

[...] a escola precisa ajudar a enraizar as pessoas em sua cultura: que pode ser transformada, recriada a partir da interação com outras culturas, mas que precisa ser conservada, porque nem é possível fazer formação humana sem trabalhar com raízes e vínculos, porque sem identificar raízes não há como ter projetos. Isto quer dizer que a escola precisa trabalhar com a memória do grupo e com suas raízes culturais [...].

Vale destacar, também, o quão relevante este estudo confere enquanto cunho social, considerando-se o objetivo geral: investigar as contribuições do Cinema para a compreensão do território e da Educação do Campo em particular da EMCEF Maria Manoela da Cunha Teixeira, no município de São Gabriel. Por conseguinte, os objetivos específicos desta proposta investigativa são: a) Analisar o município de São Gabriel nos aspectos econômicos, educacionais vinculados às escolas do campo; b) Caracterizar a EMCEF Maria Manoela da Cunha Teixeira; c) Utilizar o cinema como ferramenta pedagógica na aprendizagem dos alunos no município de São Gabriel d) Analisar o protagonismo proporcionado por meio do “fazer cinema” na compreensão do território desses sujeitos sociais.

Esta Dissertação de mestrado está dividida em sete seções, sendo estas: a introdução com o subitem metodologia; na sequência, a apresentação dos Aspectos

gerais da unidade territorial do município de São Gabriel e o contexto da Educação do Campo no Município. Além disso, abordaremos na 3ª seção, a caracterização da escola em estudo, um olhar mais atento à EMCEF Maria Manoela da Cunha Teixeira, seguido de um estudo sobre a história do cinema e a educação do campo; já na 5ª seção, elencamos algumas considerações acerca da categoria geográfica Território, sobre a educação do Campo e o uso do cinema e, por fim, a 6ª seção que apresenta o Cinema como ferramenta pedagógica e na sétima seção traremos as considerações finais, em que buscamos demonstrar o protagonismo dos sujeitos da pesquisa, na qual discorre a respeito das ações empíricas efetivadas até então.

1.1 METODOLOGIA

No que tange ao desenvolvimento desta proposta de estudo, buscamos a abordagem da pesquisa-ação, em razão dos objetivos da presente pesquisa e, sobretudo, pelo grupo social inserido no espaço possuir a sua forma de organização social, mesmo com os atravessamentos diversos, o contexto educacional é composto por múltiplos sujeitos, dos quais cada um com suas experiências de vida. Diante disso, a pesquisa social na esteira de Minayo (1994, p. 21) é aquela que “[...] responde a questões muito particulares”. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. “Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 1994, p. 21), o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A pesquisa-ação é uma metodologia participativa cada vez mais utilizada por pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento. Nela se observam a ação conjunta entre pesquisador e pesquisado, construindo no local da pesquisa as próprias práticas que serão utilizadas, propiciando assim condições para o desenvolvimento crítico e a construção do protagonismo nos sujeitos investigados.

Compreende-se que pesquisa-ação é caracterizada pela colaboração e negociação entre especialistas e os sujeitos participantes da investigação. Observa-se que pesquisa-ação necessita de três fatores para funcionar: caráter participativo, impulso democrático e contribuição à mudança social.

Podemos dizer que, hoje, a pesquisa-ação beneficia seus participantes por meio de processos de autoconhecimento e autoconstrução e que seu resultado depende do envolvimento total tanto do pesquisador quanto dos pesquisados. Porém deve se deixar claro que a pesquisa-ação não se resume a um processo de autoavaliação; mas, sim como uma jornada de autoconhecimento que se propõe a construir resultados a partir de uma práxis previamente delineada.

De acordo com Tripp (2005, p. 445-446), a pesquisa-ação, uma metodologia relacionada com as abordagens de investigação-ação opera a partir de

[...] um ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela. Planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação.

Tendo em vista o planejamento desta proposta de estudo, a pesquisa-ação serviu para atingir os objetivos propostos nesta investigação, até mesmo porque o coletivo escolar da EMCEF Maria Manoela da Cunha Teixeira, sujeitos da pesquisa – foi detalhadamente estudado, haja vista o contexto atual de apropriação das TDICs, no caso desta pesquisa, o uso do cinema, computadores, softwares de edição e outros.

Para tanto, por meio da pesquisa-ação, conseguimos possibilitar, ainda, uma interpretação profunda, ampla e completa da instituição em estudo. No entanto, tal profundidade dependerá do pesquisador. Para isto, os estudos procuraram retratar situações reais sem prejuízo de sua dinamicidade natural. O estudo, neste aspecto, tem um potencial enorme de contribuição aos problemas da prática educacional, ao fornecer informações valiosas que permitem, também, decisões políticas. Além disso, destacamos fatores imprescindíveis no perfil dos pesquisadores: a capacidade, a sensibilidade e o preparo destes para não se perderem nas aparências e no inusitado, uma vez que todo estudo exige a manifestação de suas dimensões intelectual, pessoal e emocional.

Com isso, o pesquisador deverá ter clareza dos objetivos norteadores do trabalho, bem como acerca do lugar onde se realiza a proposta investigativa, assim como os sujeitos que participam da pesquisa e, ainda, a documentação a ser analisada para, então, garantir a validade científica do estudo.

Para tanto, acreditamos que os procedimentos metodológicos deste estudo possam emergir de uma pesquisa-ação por esta se tratar de uma estratégia educacional para o aprimoramento do ensino. Assim, a pesquisa-ação segundo TRIPP, 2005), compreende, também, quatro distintos processos, sendo eles: pesquisa-diagnóstico, pesquisa participante, pesquisa empírica e pesquisa experimental.

Assim sendo, entendemos por pesquisa-ação, um conjunto de estratégias planejadas que devem ser implementadas e submetidas aos pesquisados proporcionando aos mesmos mecanismos de observação, reflexão e mudança (TRIPP, 2005). Logo, a pragmática é reflexionada de acordo com as necessidades dos sujeitos envolvidos na pesquisa, como também, no decorrer das ações preliminarmente previstas nesta proposta de estudo, a promover uma (re)significação da prática pedagógica.

Nesse ínterim, na terceira semana de março de 2019, mais precisamente no dia 20, iniciamos nossas atividades empíricas na escola Maria Manoela. Em um primeiro momento, realizamos um diagnóstico de como se encontrava a escola, os professores e alunos em relação ao uso das TDICs e ao uso do cinema, visto que, durante minha trajetória docente na referida instituição, há pouco mais de dois anos terminávamos um ciclo do período de quatro anos em que trabalhei sistematicamente o uso do Cinema das TDICs e de práticas que propiciavam o protagonismo de meus estudantes.

Vale mencionar que, ainda nesta etapa, efetivamos uma significativa revisão bibliográfica relacionada ao tema em estudo que, por vez, subsidiou o processo de interpretação e análise dos dados obtidos no decorrer desta pesquisa. Após este período, foram formuladas estratégias de ação para o desenvolvimento de nosso estudo. Portanto, em conversas junto à direção da instituição de ensino onde ocorreu o estudo, assim como com sua comunidade escolar, instituíram-se reuniões para que esta proposta fosse apresentada e, posteriormente, realizada.

Dessa forma, no segundo encontro ocorrido no dia 17 de abril de 2019, analisamos os documentos da escola, como o Projeto Político-Pedagógico (PPP) e o Regimento escolar, a fim de elucidar a proposta pedagógica e as diretrizes da instituição de ensino. Além disso, foram realizadas reuniões, com pais, equipe diretiva e professores da escola, com vistas a apresentar nossa proposta.

Em um terceiro momento, de volta a cidade, no dia 24 de abril, realizamos uma entrevista estruturada com o Coordenador das Escolas do Campo do município de São Gabriel/RS, em que buscamos compreender a respeito da realidade das escolas do campo do município citado. Nesta entrevista, questionamos a atual situação das escolas do campo do município, número de alunos e professores, transporte escolar, a visão da Secretaria sobre a educação do campo e quais medidas já foram/serão tomadas para seu crescimento e consolidação.

Posteriormente, ainda naquela semana, dia 26 de abril, foi realizada uma entrevista estruturada com o Diretor de Comunicação Social da Prefeitura municipal de São Gabriel, a respeito de aspectos gerais do município em estudo. Na ocasião, questionamos sobre aspectos econômicos, sociais e históricos do município de São Gabriel, a fim de conhecer melhor as características sociais e socioeconômicas do mesmo.

Em relação às entrevistas, Berger (1978) nos diz que esta técnica pode ser caracterizada como um processo de interação social onde a linguagem verbal e corporal estabelecem relações interpessoais entre o entrevistador e o entrevistado. Estabelecendo uma espécie de troca entre duas partes, uma entrevista acontece em uma determinada conjuntura social. Não sendo possível estabelecer regras que determinem ações que possam manipular os resultados por se darem em uma relação social do dia a dia. Assim, as entrevistas constituem ferramentas importantes nesse processo da pesquisa de cunho social.

Outrossim, foram realizadas oficinas sob a temática do cinema e linguagem audiovisual junto a todos os professores das escolas do campo da rede municipal de ensino, em um ciclo de palestras realizado durante os meses de março a dezembro do ano de 2018 – formação continuada, I Curso de Educação do Campo de São Gabriel/RS, promovido pela Secretaria Municipal de Educação (SEME). Dessa forma, realizamos dois encontros, dos quais se constituíram parte deste ciclo de palestras, sendo eles nas primeiras terças-feiras dos meses de julho e agosto, totalizando um minicurso de 08 horas, ministrado por mim.

Como citado, ainda foram realizadas duas palestras especificamente sobre o uso do cinema como ferramenta pedagógica pelos professores em sala de aula e acerca da importância do uso da TDICs, nos dias de hoje, durante o **I Curso de Educação do Campo de São Gabriel/RS**, organizado pela Secretaria Municipal de Educação entre o período de 05 de março até 21 de dezembro de 2018. Portanto,

tivemos a oportunidade de participar como Professor Palestrante da Disciplina Presencial intitulada “Produção Cinematográfica nas Escolas do Campo”. Porém, retomaremos mais detalhadamente a esse evento no decorrer desta dissertação.

Quanto ao referido curso, nestes encontros com os professores, abordamos a importância do uso das TDICs na educação do campo, o quanto o uso de tais tecnologias possibilita novas perspectivas aos alunos e, sobretudo, como pode contribuir para o crescimento intelectual destes, bem como para o empoderamento dos sujeitos envolvidos, o desenvolvimento do senso crítico, autonomia para a realização de tarefas até então desconhecidas e o protagonismo proporcionado por ações permeadas pelo uso das TDICs, como esta proposta.

No que diz respeito à aplicabilidade do projeto de cinema junto aos educandos, professores e comunidade escolar, o mesmo aconteceu em um total de doze encontros, dos quais começaram no mês de março de 2019, e seguiram até o mês de dezembro. Para isto, estes encontros deram-se mensalmente, um encontro por mês, com exceção dos meses de outubro e novembro, que tiveram a realização de dois encontros cada mês.

Neste sentido, a partir de maio do ano de 2019, desenvolvemos estratégias com vistas a avaliar a eficiência dos workshops. Dessa forma, foram utilizadas diversas dinâmicas, que contaram com a participação de cerca de cinquenta alunos dos anos finais do ensino fundamental e, inclusive, oito professores.

Neste minicurso, foram ministradas ações práticas acerca da utilização do cinema em sala de aula – seus aspectos técnicos e práticos – e como, apesar de pouco conhecimento técnico, podemos proporcionar, por meio desta atividade, ferramentas para produção audiovisual em sala de aula e nas escolas do campo. Na ocasião, salientamos aos docentes que não era necessário uma expertise para levar esse projeto à frente, pois os alunos, em sua maioria, já dominam as TDICs, nossa missão enquanto educadores é tão somente apontar a direção, proporcionar as ferramentas e a oportunidade para que eles mesmos desenvolvam suas aptidões naturais de jovens do século 21, a já conhecida geração millenium, sendo, então, os professores – *mediadores deste processo*.

Posteriormente, já nos meses de junho e julho de 2019, foram realizadas junto aos alunos dos anos finais do Ensino fundamental da EMCEF Maria Manoela da Cunha Teixeira oficinas cuja abordagem teórica compreendeu a seguinte composição: oficina de roteiro, na qual os alunos compreenderam a necessidade de

organizar e elencar na escrita o processo de filmagem de um simples vídeo ou de um curta-metragem. Nesta oficina, os participantes aprenderam técnicas de escrita de um roteiro de audiovisual, respeitando as regras do gênero cinematográfico que difere em estrutura e estética de um conto ou crônica, por exemplo. Aprendendo as diversas etapas e fases que se devem cumprir quando se escreve um roteiro e como se denominam em “tratamento¹” cada nova correção do mesmo.

Já na oficina de linguagem audiovisual, os alunos receberam informações sobre todo o processo de filmagem, uma visão mais ampla da funcionalidade do audiovisual e sua importância enquanto meio de informação e construção social na contemporaneidade, o uso das TDICs, abrangência e o saber fazer social que elas nos possibilitam, e a prática cinematográfica. Enfim, todos estes aspectos juntos são colocados à disposição do aluno-protagonista para que o mesmo alcance seus objetivos no processo de ensino-aprendizagem no dia a dia escolar, não somente em sala de aula, mas também nos diversos aspectos emocionais e institucionais que este saber propicia.

Nestas oficinas com os alunos, buscamos abordar todos os aspectos técnicos e práticos para a produção de um curta-metragem, de maneira sucinta e objetiva. Para isto, foi lhes transmitidas as normas e técnicas de como se escrever um roteiro cinematográfico, visto que é uma linguagem textual da qual eles não estão acostumados e, assim, diferente das produções textuais efetivadas em sala de aula. Também discorremos sobre a linguagem audiovisual, a respeito de como ela funciona, quais fatores traz consigo e os elementos que a compõem (Som, luz, roteiro, atuação, imagem). Abordamos, ainda, sobre o uso das TDICs de modo geral, sob a perspectiva de como usar computadores, câmeras, dispositivos móveis, softwares de montagem e edição.

Por fim, no dia 14 de agosto, trabalhamos a prática cinematográfica, uma vez que efetivamos o uso de câmeras, microfones para captação do som, e até mesmo aparelhos celulares para a realização das filmagens – pois consideramos o conhecimento prévio dos educandos no manuseio dos celulares. Para tanto, foram estudados os ângulos de filmagens, planos cinematográficos e a construção e estética do cinema, da imagem em movimento, da linguagem audiovisual.

¹ Tratamento em cinema designa várias tentativas de finalizar um roteiro (MARTINS, 2014).

A partir do mês de setembro, mais precisamente no dia 18, iniciamos a fase de ampliação do novo contexto, visto que foram delineadas práticas cinematográficas com um roteiro (co)relacionado com o cotidiano da vida dos educandos no espaço escolar institucionalizado e, sobretudo, o resgate da historicidade de tais sujeitos junto ao território, em uma perspectiva onde tais educandos são os protagonistas e efetivam a produção do espaço em que estão inseridos. Nesta etapa, os educandos puderam realizar obras que descrevessem seu território, seu cotidiano enquanto alunos de uma escola do campo, seus sentimentos e aspirações, o desejo de pertencimento aqui por eles foi apropriado na tentativa de auxiliar na construção de uma atmosfera de bem-estar e cumplicidade entre todos.

Nos meses de outubro e novembro, nossa participação se pautou na observação das filmagens e da construção de todo o processo de aprendizagem que os alunos colocaram em ação a partir dos ensinamentos compartilhados, desde a construção do roteiro, passando pelas filmagens e a edição dos vídeos produzidos. Salientamos, também, que no dia 04 de outubro, os alunos dos anos finais do Ensino Fundamental participaram da Feira Municipal do Livro de São Gabriel e da 1ª Mostra Estudantil de Cinema, onde foi exibido um curta-metragem produzido na escola no ano de 2016.

Faz-se importante sinalizar que, durante a minha trajetória enquanto professor na escola em estudo, já foram realizadas oficinas junto ao corpo docente a respeito do cinema enquanto ferramenta pedagógica. Tais oficinas, acrescentadas das práticas cinematográficas por mim realizadas na escola no meu período como professor, contribuíram para a criação de uma cultura cinematográfica na escola, inspirando a outros colegas professores a realizarem trabalhos similares.

Esta semente plantada nos anos de 2013 a 2016 quando fui educador na referida escola, readubada com meu retorno como professor pesquisador nos anos de 2018/2019, transformou-se em frutos ao serem essas técnicas também reproduzidas pelos professores do educandário, o que se solidificará agora ainda mais com meu retorno como docente da escola novamente no ano de 2020. Retorno esse que, quiçá, transforme a Escola do Campo Maria Manoela como referência e polo cinematográfico a ser copiado e reproduzido por outras instituições de ensino, e que possa servir de motivação, tendo em vista o fazer pedagógico deste professor.

Portanto, junta-se a isso, a realização de práticas de filmagem produzidas com os alunos por outros professores. Com isso, nota-se que a temática cinematográfica começa a constituir-se em uma prática recorrente no cotidiano escolar do fazer pedagógico da escola em estudo. Além disso, observamos que o currículo escolar permitiu fazeres pedagógicos voltados ao meio em que estão inseridos os educandos.

Nos dias 2 e 4 de dezembro, retornamos novamente à Escola, agora, para fecharmos nosso ciclo de pesquisas, com a realização de entrevistas semiestruturadas com os educandos e professores da EMCEF Maria Manoela da Cunha Teixeira, além de entrevistas não-estruturadas com os alunos. Vale salientar que cada aluno do 9º ano (sete alunos ao total) teve assinada por pai ou responsável uma autorização para a participação no projeto e, inclusive, permissão do uso da imagem dos mesmos, para proteção e preservação dos direitos de imagem de cada um.

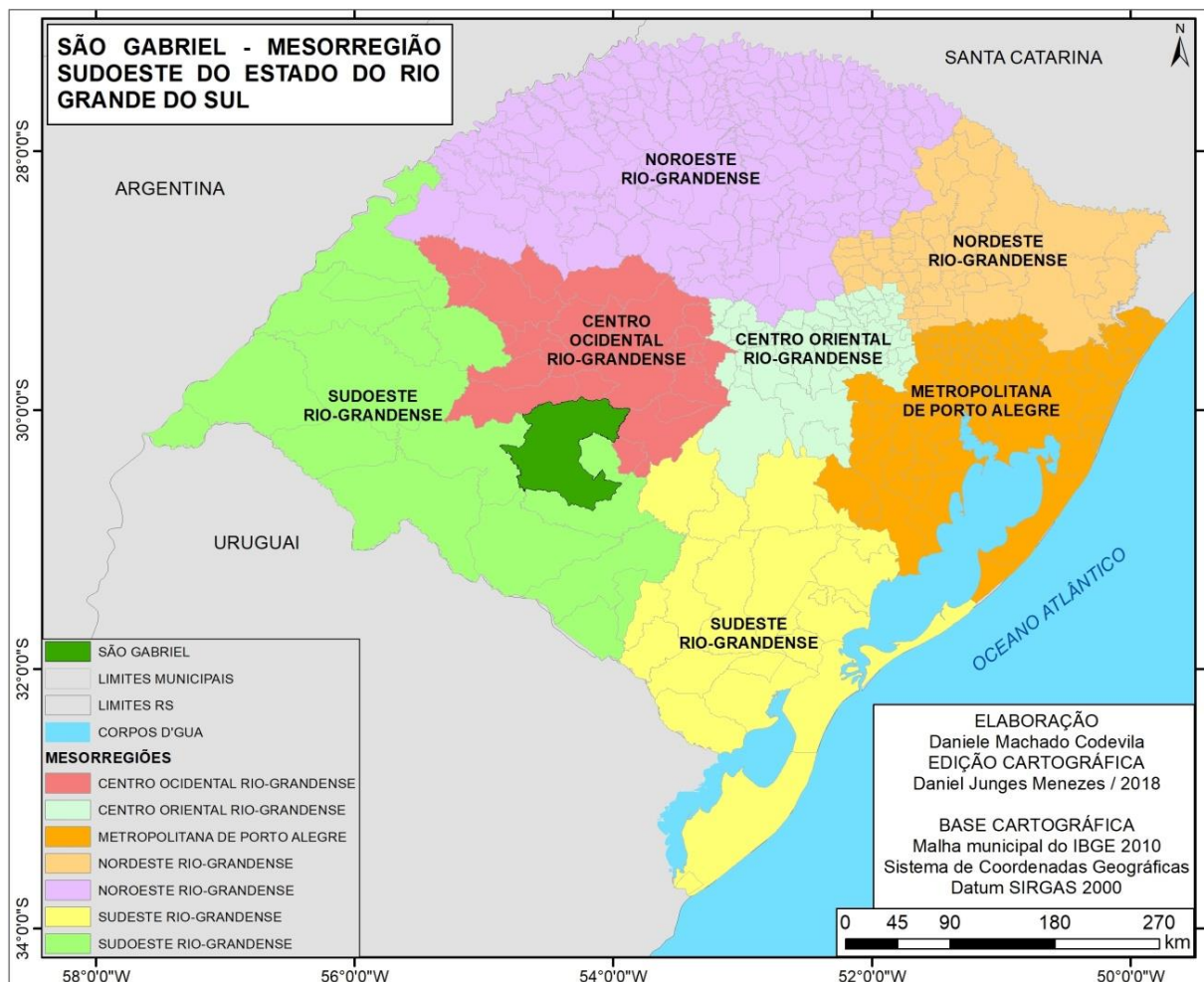
Por fim, o curta-metragem produzido exclusivamente pelo coletivo de educandos da escola do campo Maria Manoela, cujo processo de edição, somente, a cargo do professor Humberto, será exibido para a comunidade escolar, bem como disponibilizado à SEME. Tem-se, na reprodução deste vídeo, a valorização do sujeito do campo, protagonizado pelos educandos da referida escola e, principalmente, sob o olhar destes.

2 ASPECTOS GERAIS DA UNIDADE TERRITORIAL DO MUNICÍPIO DE SÃO GABRIEL/RS E O CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO NO MUNICÍPIO

*“Recrio versos e verdades
Histórias e saudades
Para estrelas que não tem brilho...
como eu” (Do Autor).*

Esta proposta investigativa desenvolve-se no município de São Gabriel/RS (Figura 1), o qual se localiza na região da Campanha Gaúcha do Estado do Rio Grande do Sul (RS) e abrange uma área territorial de cerca 5.023,821 km² (constituindo-se como o quinto do Estado com maior extensão de terra).

Figura 1 - Mapa de localização de São Gabriel na Mesorregião Sudoeste do Rio Grande do Sul

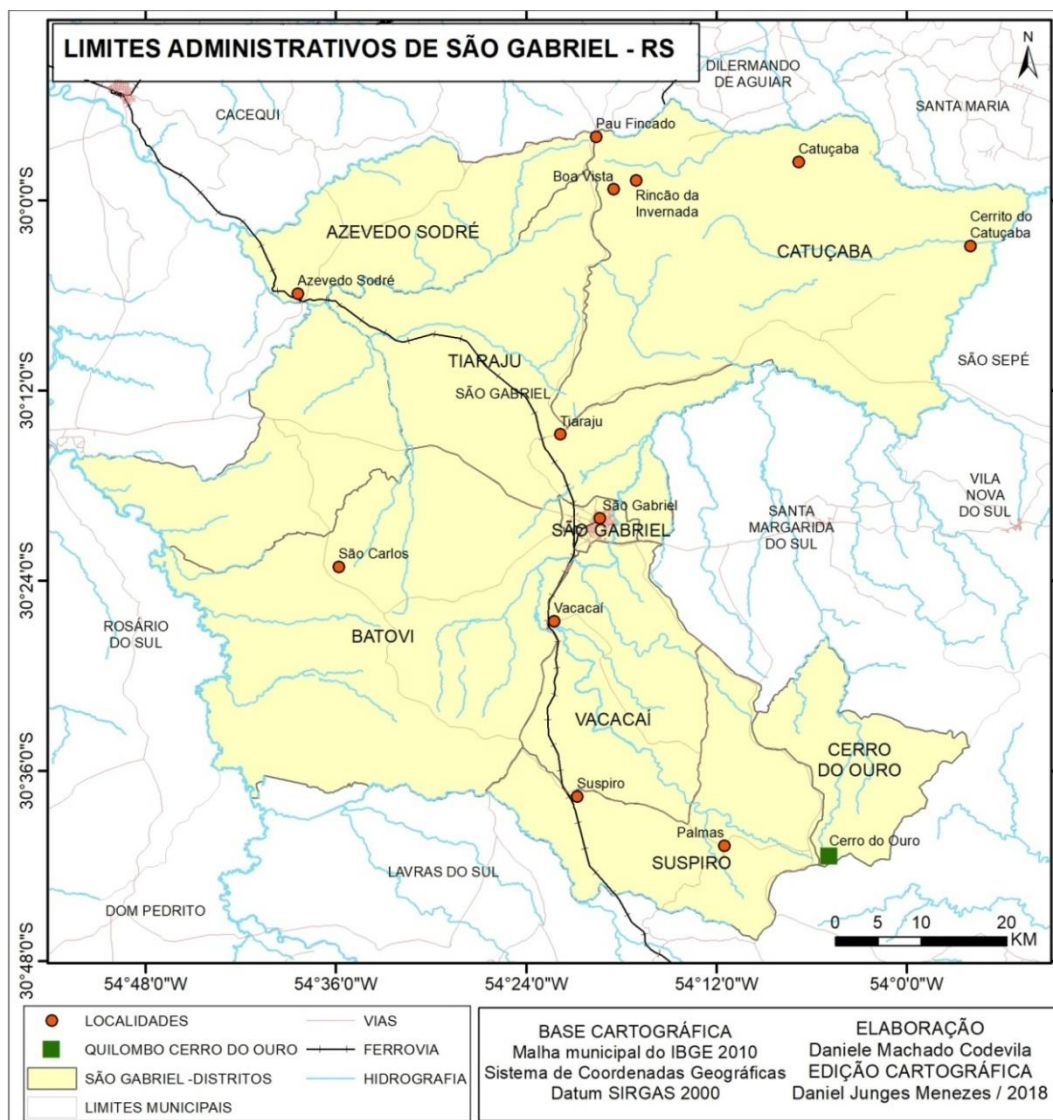


Fonte: Codevila (2019).

De acordo com as definições do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010), o referido município pertence à Mesorregião Sudoeste Rio-grandense e à Microrregião da Campanha Central, tendo seus limites estabelecidos com outros nove municípios.

O município de São Gabriel/RS (Figura 2) estrutura-se com de sete Distritos, divididos em: Sede, Tiaraju, Azevedo Sodré, Vacacaí, Cerro do Ouro, Batovi e Suspiro – instituídos a partir do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental do município de São Gabriel/RS (PDDUA), em 2 de junho de 2008, por meio da aprovação da Lei Complementar nº 002/08.

Figura 2 - Mapa político-administrativo do município de São Gabriel/RS – Distritos



Fonte: Codevila (2019).

Segundo a Diretoria de Comunicação da Prefeitura Municipal de São Gabriel (SÃO GABRIEL, 2019a), corroborado com informações disponibilizadas pela Coordenação Pedagógica das Escolas do Campo da SEME e página virtual da prefeitura municipal de São Gabriel (2019), o município se localiza na fronteira-oeste do Rio Grande do Sul, às margens da BR 290, Rota do Mercosul. Situada num corredor de importação e exportação. Está a 320 quilômetros de Porto Alegre, 290 quilômetros do Porto Internacional de Rio Grande, 300 quilômetros de Uruguaiana/RS – fronteira com a Argentina e 170 quilômetros de Santana de Livramento/RS – fronteira com o Uruguai.

Segundo o historiador gabrielense Osório Santana de Figueiredo (1980), no seu livro “São Gabriel desde o Princípio” a história da formação da cidade de São Gabriel, inicia-se muito antes de sua fundação oficial que é 4 de abril de 1846, nos meados do século XVIII, a região era foco de disputas entre as coroas portuguesas e espanholas, que buscavam expandir seus domínios na bacia do Prata, por esse motivo a ocupação da região sudoeste do estado se deu de forma tardia em relação ao resto da Província de São Pedro.

Sob a estratégia da concessão de sesmarias, a coroa portuguesa agraciou um pequeno grupo de estancieiros, em sua maioria militares, com imensas extensões de terras em uma região que não se apresentava totalmente vazia, pois habitavam ali, pequenos grupos indígenas do grupo étnico Pampeano dos subgrupos Charruas e minuanos. Também se encontravam ali homens pobres e livres de diferentes etnias, oriundos dos fracassados movimentos de colonização feito por portugueses e espanhóis para colonizar a Bacia do Prata.

No que tange aos conflitos, vale mencionar que, após a assinatura do Tratado de Madri (1750), o qual determinava a posse dos Sete povos das Missões a Coroa Portuguesa e a Colônia de Sacramento aos espanhóis, desencadeou-se um processo de lutas das tribos guaranis que desejavam permanecer em suas terras de origem e não ter que ir viver sob o domínio Espanhol como estabelecia o tratado. Estes embates foram chamados de Guerras Guaraníticas, um período de lutas que ocorreram entre os anos de 1754 a 1756. Culminado em uma das batalhas mais marcantes da época – conhecida como a “Batalha do Caiboaté”, ocorridas nas coxilhas de Caiboaté, São Gabriel, nas proximidades do Rio Vacacaí. Neste confronto, tropas portuguesas e espanholas, junto, mataram cerca de 1500 índios guaranis e fazendo apenas 150 reféns, um verdadeiro massacre. Esta batalha,

também tem uma importância histórica por ter determinado a morte do líder indígena e cacique dos guaranis, Sepé Tiaraju, hoje reconhecido como Herói Nacional. Fugindo das tropas portuguesas, Sepé tombou e foi morto perto da sanga da Bica, atualmente, uma região de mata nativa praticamente localizada no centro urbano de São Gabriel. Observamos aqui, que a disputa pelo território remonta aos primórdios da fundação deste município.

No site da prefeitura municipal de São Gabriel, consta que o processo histórico culminou na fundação do município, inicia-se em 1800, quando o naturalista espanhol Félix de Azara, ao chegar ao Cerro do Batovi, fundou a primeira povoação, de origem espanhola. De acordo com Figueiredo (1980) a *primeira São Gabriel*² foi arrasada por tropas portuguesas as quais estavam sob o comando do então tenente-coronel Patrício José Correa da Câmara, que se dirigiu até a Vila do Batovi e a destruiu.

Posteriormente, fundou-se uma segunda povoação sob domínio dos portugueses e denominada São Gabriel do Batovi, cuja transferência para margem esquerda do rio Vacacaí ocorreu em 1817 e marcou a terceira povoação – Vila de São Gabriel – sendo o coronel João de Deus Menna Barreto o seu fundador natural (FIGUEIREDO, 1980).

Consoante a isso, Santos (2012), diz que a apropriação da terra foi outorgada a uma parcela minoritária da sociedade regional, em que uma fração de classe tinha a posse da terra era destinada enquanto símbolo de poderio militar. Ainda sob o pensamento do autor, essa classe dominante, egressa do “[...] contexto dos sistemas hierárquico de poder, das desigualdades sociais e dos conflitos vigentes no espaço fronteiro da região da região da Campanha Gaúcha” (SANTOS, 2012, p. 47) constituiu-se como classe dominante no espaço local cuja base era a terra e o poder.

Em 4 de abril de 1846, já no seu atual local - antiga Sesmaria do Trilha, com colonização portuguesa, foi elevada a categoria de Vila, com a instalação da Câmara de Vereadores, sendo considerada a data de aniversário de emancipação deste município.

² Expressão utilizada pelo autor Figueiredo (1980), na obra *São Gabriel desde o princípio*.

O município de São Gabriel/RS é conhecido como “Terra dos Marechais³”, ao considerarmos os aspectos históricos do município no período monárquico, foram implantados com o intuito de suprir as demandas econômicas e alimentares dos militares a criação de bovinos, com os quais abasteciam as tropas e, ao mesmo tempo que estabeleciam o comércio de gado direcionado às charqueadas do município de Pelotas. Para tanto, Santos (2012, p. 38, grifo nosso) aponta que:

Essa insígnia “Terra dos Marechais” instiga a reflexão, sobretudo, quando se deseja compreender a dinâmica da produção de seu espaço rural. Mais do que quimera de um universo social distante, compreende-se a mesma como um caminho indicativo de processos marcantes de uma sociedade e um espaço no qual as dinâmicas do mundo rural, foram e continuam a ser significativas em sua conformação. Assim, a insígnia “Terra dos Marechais”, não se associa apenas ao legado das armas, mas é reveladora da força que o rural continua a exercer na constituição de uma sociedade, na qual a propriedade da terra e as múltiplas relações de poder que se produzem a partir de seu domínio, ainda são, neste início de século XXI em que a lógica do modo capitalista de produção, parece arrebatar a tudo e a todos, elementos centrais para o entendimento das *contradições vigentes na produção do espaço rural* e na sociedade de São Gabriel.

São Gabriel, também conhecida como *Atenas Rio-grandense*⁴, berço de grandes escritores e pensadores foi uma das cidades que mais cresceu durante o período monárquico, fato que a tornou, por um curto período de tempo, capital da República Rio-Grandense. Na atualidade, o município de São Gabriel/RS é considerado o último *reduto dos carreteiros*⁵ - meio de locomoção mais antigo inventado pelo homem.

Analisando o histórico de formação de São Gabriel, entende-se o porquê das grandes extensões de terra existentes nas mãos de uns poucos proprietários, em um tempo em que a vastidão do pampa era habitada por índios remanescentes de antigas batalhas, vivendo em extrema pobreza e onde os “castelhanos” invadiam o território saqueando e assassinando pequenos produtores.

Sem saber o que fazer para resolver esses problemas, a coroa portuguesa vislumbrou nesta solução, que foi a concessão de sesmarias de terras para estes

³ Conhecida como *Terra dos Marechais* pelos naturais Marechais João Propício Menna Barreto, Fábio Patrício de Azambuja, o Presidente da República Hermes Rodrigues da Fonseca e João Batista Mascarenhas de Moraes.

⁴ Devido ao desenvolvimento cultural durante o Império, São Gabriel recebeu o título de *Atenas Rio-grandense*, tendo Alcides Castilhos Maya como primeiro gaúcho a ingressar na Academia Brasileira de Letras.

⁵ Prática do homem do campo usar carretas para comercializar, laranja, bergamota, entre outros na cidade ao som do “- Êra boi!”.

“caudilhos⁶”, a possibilidade de expandir e colonizar suas fronteiras, muitas vezes reorganizadas em tratados assinados nos distantes castelos europeus, por soberanos que nem sequer imaginavam o valor e a importância que teriam essas terras. Foram então esses fazendeiros com histórico militar, que deram início aos grandes latifúndios e a tradição da pecuária e da cultura do charque transformou essa região do Brasil.

Ainda, segundo o site gabrielense (SÃO GABRIEL, 2020a), a região apresenta paisagens típicas da fronteira gaúcha, onde o uso pecuário se mescla com a orizicultura (plantio de arroz), em campos situados em coxilhas de baixa declividade com várzeas constituindo atrativos naturais que encantam o turista por possibilitarem visualizar o horizonte à distância. Na região da Palma, situada no distrito de Suspiro, temos uma paisagem diferente constituída por terrenos mais inclinados, predominando relevos ondulados com muitas rochas. Nesta região, também ocorrem, em menor proporção, relevos fortemente ondulados e enormes paredões de pedra originados da exploração de depósitos minerais de calcário.

No distrito do Batovi, encontra-se o ponto de encontro das três regiões hidrográficas do Estado, a região hidrográfica do Uruguai, a região hidrográfica do Guaíba e a região hidrográfica das Bacias Litorâneas. O local é assinalado por um monumento indicando a orientação geográfica das três regiões hidrográficas.

O Diretor de Comunicação da Prefeitura de São Gabriel nos informou que a cidade tem sua base econômica ligada principalmente à agropecuária, onde predominam a produção de arroz, soja e gado de corte. Recentemente, começou uma diversificação de culturas com o desenvolvimento da piscicultura, da apicultura e silvicultura de eucalipto.

Informações oficiais e atuais obtidas junto à prefeitura municipal, a Secretaria de Desenvolvimento Rural e Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER/RS), dão conta de que a soja é uma cultura que teve um grande salto no crescimento de sua área plantada no município, pulando de pouco mais de 10 mil hectares para 32 mil hectares em pouco mais de cinco anos. Outra matriz produtiva que se instalou na região há pouco mais de 15 anos e rapidamente ocupou uma grande área antes destinada à pecuária, são as plantações de Eucaliptos,

⁶ Caudilho - uma mistura de fazendeiros com militares, que muitas vezes mantinham seus próprios exércitos particulares.

ancoradas por multinacionais europeias que controlam a produção mundial de celulose. A silvicultura como é conhecida chegou causando muita polêmica pelos danos ambientais a ela imputados como intervenção nos lençóis freáticos e mudança radical na paisagem do pampa e até nas condições climáticas da região. Os resultados da implantação dessa nova matriz econômica podem começar a serem sentidos nos dias de hoje, visto que a região atravessa a maior seca dos últimos 32 anos, mas isso é matéria para outro estudo.

Ainda Segundo o Diretor de Comunicação (SÃO GABRIEL, 2020b), a Produção Agrícola é bastante diversificada, são cultivados 30.000 Hectares de arroz e 3.000 hectares de milho aproximadamente. A pecuária apresenta: bovinocultura de leite e carne (450. 000 cabeças) e a Ovinocultura (130.000 cabeças) aproximadamente. 112 Estabelecimentos Industriais; 1.439 Estabelecimentos Comerciais, 78 atacadistas, incluindo Grandes Redes; 250 hectares de Fruticultura; Piscicultura, experimental em expansão; Mais de 20.000 veículos registrados; Rede Hoteleira, que conta com 16 hotéis e pousadas e 2 Hotéis–Fazenda, somando mais de 1.500 leitos;

Existe ainda no município jazidas de calcário na região da Palma, Distrito de Suspiro e no Distrito de Tiarajú; o Xisto Betuminoso é abundante na região, porem não minerado devido ao seu alto custo de extração. O município ainda dispõe de ouro, carvão, granitos, cristais de rochas, caulim, cobre,mostrando a diversificação de suas riquezas, todavia, nenhuma dessas riquezas é hoje explorada ou industrializada pelos entes da federação ou iniciativa privada (SÃO GABRIEL, 2020a).

Na área da Indústria-Comércio, em informações obtidas junto às três entidades de classe que regulamentam e organizam o empresariado local, a Associação Comercial e Industrial (ACI), Clube de Diretores e Lojistas (CDL), e o Sindicato dos Lojistas (SindiLojas), nos relatam que neste segmento, são gerados milhares de empregos na cidade com redes de lojas de nível local e nacional instaladas no município e com plantas em outras cidades do estado e do país como: Lojas Colombo, Magazine Luiza, Lojas Total, Graziotin, Rede Vivo de supermercados, Casa do Frango, Big Max, Supermercados Nacional, Postos SIM, Lojas Becker, Benoit, Redes Quero Quero, Sanrig, Delta Sul, Grupo New Life e etc.

No segmento das indústrias alimentícias, destacamos a existência de três grandes frigoríficos na cidade, com destaque ao Frigorifico Mafrig, rede paulista

instalada em São Gabriel que exporta carne e derivados para os Estados Unidos, Europa, Oriente Médio e China. Também geram muitos empregos na cidade a Cerealista e Agroindústria de Alimento Urbano, Cooperativa Triticola Sepeense (COTRISEL), Cooperativa Triticola de Ibirubá (COTRIBÁ), Bunge Alimentos e outras indústrias menores instaladas na zona urbana do município.

Outro grande fator de geração de emprego e renda no município é a existência de três quartéis militares, que são eles, o 9º Regimento de Cavalaria Blindada, o 6º Batalhão de Engenharia e Combate e a 13ª Companhia de Comunicações, que a cada ano recebem milhares de novos recrutas não só de São Gabriel e região, mas vindos também das cidades de Lajeado, Estrela e Serra Gaúcha, assim como todo contingente de Praças (soldados, cabos e sargentos) e oficiais (tenentes, capitães, majores, tenentes coronéis e coronéis) efetivos do Exército, dos quais exercem suas funções nas guarnições de São Gabriel/RS.

No setor de educação, em informações obtidas junto a Secretaria Municipal de Educação, destaca-se a presença dos campi universitários da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) e Centro Universitário da Região da Campanha (URCAMP), além de várias faculdades voltadas ao Ensino Superior a distância como Centro Universitário Internacional (UNINTER), Universidade Norte do Paraná (UNOPAR), Faculdade Educacional da Lapa (FAEL) e São Brás. Ainda podemos enfatizar a existência de instituições voltadas ao ensino técnico e profissionalizante como o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha (IFFar), Grupo New Life e Escola Técnica Municipal, estabelecimento municipal com 67 anos onde são oferecidos os cursos técnicos de Contabilidade, Secretariado e Empreendedorismo e Gestão de Negócios, cursos esses, inteiramente gratuitos à população.

Destacamos, também, a presença do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC-RS), com cursos voltados para diversas áreas, de administração, vendas e primeiro emprego, além de propostas como o jovem aprendiz onde cursos voltados à conquista do primeiro emprego são direcionados aos alunos do ensino médio da rede pública municipal e estadual.

São Gabriel é um município em uma luta constante pela modernização e desenvolvimento de sua estrutura e de seu povo, tendo como barreira natural as longas distâncias dos grandes centros econômicos, o que dificulta e encarece a evacuação de suas riquezas, a falta de alternativas para o transporte viário, como

hidrovias e ferrovias, e a falta de uma política nacional e estadual voltada para o desenvolvimento da região do pampa, um território de muita riqueza, porém centralizada, onde temos uma grande produção agropecuária, entretanto com muita pobreza espalhada, resultado da alta concentração das riquezas nas mãos de uns poucos produtores, comerciantes e industriais.

2.1 A ATUAL SITUAÇÃO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO EM SÃO GABRIEL

*“Sob as ruínas que ardião em chamas,
Ou sob o silêncio de uma manhã fria.
Castelos de ilusões nos sonhos de uma cigana,
Ou o Pastor e seus sermões a uma criança que
dormia” (Do Autor).*

Segundo o Decreto Municipal de número 057, de 28 de agosto de 2018 (SÃO GABRIEL, 2018) foi alterada a nomenclatura das escolas do campo de São Gabriel, passando a preceder o nome da escola uma nova nomenclatura, de Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) para assim denominadas: Escola Municipal **do Campo** de Ensino Fundamental (EMCEF).

Antes disso, o poder executivo municipal através da Lei Ordinária de Nº 3857/2017, de 31 de julho de 2017 criou o cargo de Coordenador das Escolas do Campo, cuja função é coordenar as atividades pedagógicas e administrativas das oito escolas do campo do município de São Gabriel, além de promover e acompanhar o trabalho pedagógico das equipes diretivas das escolas, promover a formação continuada dos professores, promover eventos e projetos pedagógicos na área da educação para os diretores, professores, estagiários e monitores, promover projetos e ações e interdisciplinares que visem seu desenvolvimento e sua aplicabilidade. A criação deste cargo demonstra a preocupação da administração municipal na criação e consolidação de políticas públicas diferenciadas para as escolas do campo do município, possibilitando a construção de políticas educacionais voltadas a manutenção do homem no campo, observando e respeitando sua realidade e vocação.

De acordo com o Coordenador Pedagógico das Escolas do Campo, em entrevista, existem, atualmente, no município de São Gabriel, oito escolas do campo (5 Escolas Polos e 3 Escolas Multisseriadas), em um total de 583 alunos (2019).

Nestas escolas, atuam hoje um total de 73 professores (somados com diretores, supervisores e professores de salas de recursos).

Ainda segundo o coordenador das Escolas do campo, quanto ao transporte escolar para as escolas do campo estão disponibilizados sete veículos próprios e doze veículos terceirizados. Dentre os veículos terceirizados, há mais três veículos cujas linhas direcionam estudantes do campo para cidade, principalmente a população que está no Ensino médio.

A prefeitura do município de São Gabriel ainda provê treze veículos terceirizados dos quais realizam o transporte das escolas do Campo da rede estadual e respectivas linhas do campo para cidade. Este traslado encaminha alunos para cursarem o ensino médio na área urbana.

Já a principal ação inicial da SEME sobre Educação do Campo foi designar um profissional que conhecesse a realidade das Escolas do Campo, partindo do princípio de que soubesse do funcionamento e dinâmica dessas instituições de ensino.

O Coordenador das Escolas do Campo ressalta que o principal objetivo da gestão era retirar dessas escolas o papel de segundo plano e torná-las protagonistas. Realizaram-se nomeações especialmente para as Escolas do Campo, para que não houvesse a rotatividade anual de professores não lotados, o que dificultava a criação de identidade e pertencimento.

Ainda de acordo com o coordenador, ampliou-se a divulgação das atividades pedagógicas e dos projetos institucionais. Aproximou-se o poder público, com as comunidades escolares, atendendo determinadas angústias e necessidades da população do campo.

Vale salientar também o esforço do município em levar maior dignidade aos alunos das escolas do campo, construindo e inaugurando no início do ano de 2020 duas quadras esportivas cobertas para duas escolas polos do campo do município. Projeto este que deverá se estender as outras três escolas polos até o final de 2021.

Por fim, o coordenador destaca a execução de projetos e iniciativas que abrangem a totalidade das Escolas do Campo: Concurso Girassol; Concurso Desenhando o Logotipo da Escola do Campo; Projeto Ensino Médio: vivências e possibilidades; Projeto Dia de Campo; Projeto Horta Escolar nas Escolas do Campo; Projeto Localizando as Escolas do Campo; Proposta de Alteração de Nomenclatura das Escolas do Campo; I Curso de Educação do Campo de São Gabriel/RS; Projeto

Semana da água nas Escolas do Campo; Projeto Água na Escola; Projeto Carreteada Pedagógica; II Seminário de Educação do Campo de São Gabriel/RS; e, III Seminário de Educação do Campo de São Gabriel/RS – Formação continuada específica aos profissionais que atuam nas escolas do campo, o uso do cinema como ferramenta na formação pedagógica dos professores da rede municipal, projeto vinculado ao professor da rede municipal de ensino, Prof. Humberto Petrarca.

Outro evento importante proporcionado pela SEME foi a organização da Feira Municipal do Livro de São Gabriel, evento este que faz parte do calendário oficial de evento do município e que no ano de 2019, pela primeira vez em parceria da Escola de Cinema de São Gabriel, entidade sem fins lucrativos que presido, fui convidado para coordenar organização da 1ª Mostra de Cinema Estudantil, onde na manhã e tarde de sexta feira dia 4 de outubro no Plenário da Câmara Municipal de Vereadores, foram exibidos seis produções cinematográficas, três provenientes das Escolas do Campo do Município, e três de educandários da zona urbana de São Gabriel.

Vale ressaltar que todos os projetos exibidos tiveram nossa participação em algum momento do processo, seja por cursos ministrados, ou participação direta nas filmagens, roteiros e/ou edição. Salientamos que um dos curtas exibidos, era originário da EMCEF Maria Manoela da Cunha Teixeira, curta-metragem este produzido em 2016 quando trabalhávamos na referida escola. O evento teve uma ótima aceitação e um grande público compareceu nas duas sessões disponibilizadas. Para o ano de 2020 já foi confirmado pela SEME uma nova edição do evento.

No que tange às TDICs, entretanto, observamos que a realidade experienciada pelos estudantes das escolas do campo ainda se constitui aquém das condições mínimas de uso, isto é, distante de apresentar significativas melhorias, uma vez que a defasagem dos laboratórios de informática é visível, o acesso à internet evidencia-se precário e, sobretudo, não há investimento em equipamentos tecnológicos (data show, notebook, câmeras, entre outros).

São Gabriel constitui-se o sexto maior município em extensão do Rio Grande do Sul com 5019,646 m², essas longas distâncias tornam-se financeiramente inviáveis/problemáticas para a administração municipal a democratização da internet para essas escolas.

Observa-se também que o uso das TDICs nas Escolas do Campo esbarra também muitas vezes na resistência de alguns educadores a se arriscarem em uma área em que existe uma grande defasagem de capacitação dos mesmos, principalmente daqueles cujo vínculo é mais antigo, que não abrem mão de suas metodologias e técnicas usadas ao longo de suas carreiras docentes, embora haja exceção.

Assim sendo, nota-se que apesar de o poder público tentar apresentar um olhar diferenciado para as escolas do campo do município, o que para nós é um avanço muito significativo, muitas melhorias ainda precisam ser feitas para a consolidação de políticas públicas diferenciadas para um segmento normalmente esquecido pelos responsáveis pela a educação em nosso país e mandatários de cargos públicos.

2.2 1º CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DE SÃO GABRIEL/RS

*“Me pediram para colher flores na lua,
Não pude, e fui atrás de almas perdidas”
(Do Autor).*

Nosso estudo teve início em uma proposta apresentada ao Coordenador das Escolas do Campo da Secretaria de Educação de São Gabriel, Professor Mestre, Eduardo Pastório. Neste encontro, fomos convidados pelo coordenador das escolas do campo, a apresentar nossa proposta de trabalho às oito escolas do campo do município (Figura 3).

Figura 3 - Apresentação da proposta de estudo e início do minicurso



Fonte: Arquivo Pessoal.

Em dois encontros que fizeram parte do **I Curso de Educação do Campo de São Gabriel/RS**, organizado pela SEME entre o período de 05 de março até 21 de dezembro de 2018, tivemos a oportunidade de participar como Professor Palestrante da Disciplina Presencial intitulada “Produção Cinematográfica nas Escolas do Campo” (Figura 4), com carga horária de 04 horas/aula cada e se realizaram nos dias 11 de julho e 9 de agosto de 2018, respectivamente.

Figura 4 - Palestra “Produção Cinematográfica nas Escolas do Campo”



Fonte: Arquivo Pessoal

Nossa principal intenção nessas duas oportunidades era de propiciar aos professores das escolas do campo ferramentas capazes de incentivá-los a levar para o dia a dia de suas escolas o uso do cinema e da linguagem audiovisual aos seus alunos. Nestas duas oportunidades, discorreremos sobre os benefícios do uso das novas tecnologias aos alunos que, pela distância e condições desfavoráveis, ficam à margem do convívio das tecnologias existentes e disponíveis na atualidade aos demais alunos das redes municipais e estaduais de ensino.

Vale apontar que a escola foco deste estudo é a Escola Maria Manoela da Cunha Teixeira, na qual já trabalhei anteriormente e desenvolvi um projeto semelhante e agora por meio deste estudo nos aprofundaremos ainda mais nas dinâmicas propostas pela nossa pesquisa. Portanto, a escola Maria Manoela já estava engajada na realização de atividades audiovisuais.

Apesar de nossos esforços e otimismo, somente a Escola Ernesto José Anonni, por meio do trabalho desenvolvido pela Professora Daiane Michelotti, atual coordenadora das Escolas do campo, que levou nossa proposta adiante. Para isto, propiciamos, nesta escola, workshops aos alunos e acompanhamos o desenvolvimento das atividades.

Este baixo índice de engajamento e interesse das escolas e seus docentes em abraçar nosso projeto foram nitidamente já percebidos durante as duas aulas disponibilizadas para as escolas. Entre um tópico e outro que se apresentava para os presentes, sentia-se e ouvia-se um indisfarçável receio em se adentrar em um território novo, desconhecido, e isto, com certeza, facilita a quem tem dúvidas e medo, a levantar barreiras e desculpas em geral, para não se atrever em navegar em mares nunca antes navegados.

O projeto que tinha como ambição maior realizar em sua culminância uma mostra cinematográfica, em que as escolas do campo e seus alunos seriam os protagonistas de todo um evento construído por eles e para eles, tinha se tornado aparentemente descartado e inviável de acontecer, devido ao número reduzido de filmes que seriam produzidos até então.

Porém, uma mostra itinerante nas escolas do campo do município e inclusive nas escolas localizadas na área urbana de São Gabriel está sendo estudada e aventada em conversas recentes que tivemos com a Secretaria de Educação de nosso município, onde exibiremos os frutos gerados pela aplicação de nossos estudos, tanto na EMCEF Maria Manoela – o objeto deste estudo, assim como da EMCEF Ernesto José Anonni, por meio do trabalho da Professora Daiane Michelotti que, como referido anteriormente, encampou nossa proposta em sua escola.

Figura 5 - Oficina cinematográfica aos alunos da EMCEF Ernesto Annoni



Fonte: Arquivo Prof. Daiane Michelotti.

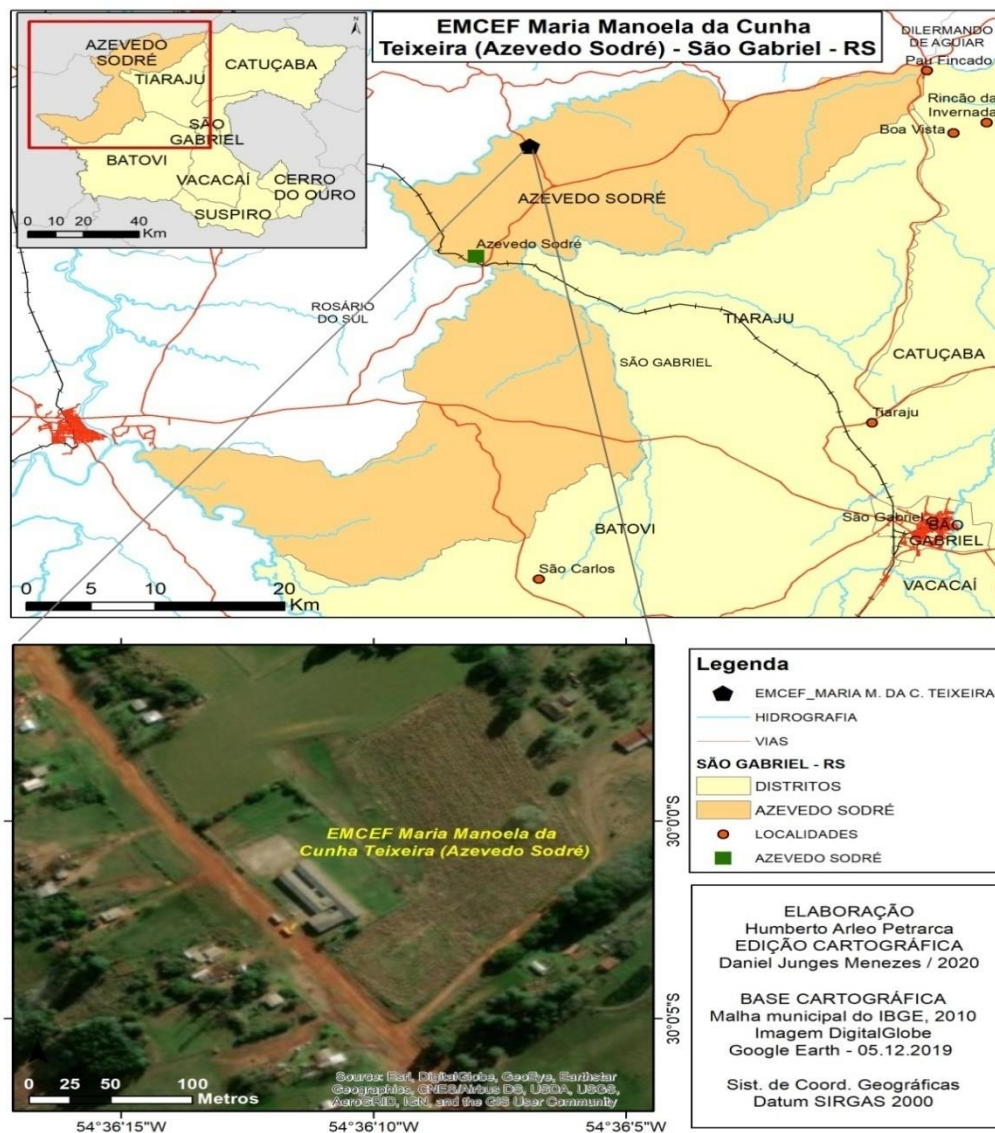
Mesmo com a baixa aceitação e o inferior engajamento das demais escolas do campo, posteriormente fomos procurados, também, pela EMCEF Mascarenhas de Moraes, situada no distrito de Catuçaba. Na ocasião, a equipe diretiva nos solicitou um workshop de cinema e linguagem audiovisual junto aos alunos com vistas à produção de um vídeo a respeito da escola, rotina e atividades e, inclusive, sobre a cooperativa de lã – Mãos na lã – situada na citada localidade cuja casa do artesão existente bem próxima à escola. O referido vídeo foi produzido, contou com a nossa participação e exibido no IV Seminário de Escolas do Campo de São Gabriel que aconteceu em setembro na sede da escola e, também, foi exibido na Feira Municipal do Livro de São Gabriel.

Embora todo nosso esforço, no que tange aos resultados obtidos referentes aos cursos que oferecemos durante o I Curso de Educação do Campo de São Gabriel/RS, foi realmente a Escola Maria Manoela da Cunha Teixeira, a única a aceitar nossa proposta e abrir suas portas para o nosso trabalho, mostrando seu comprometimento com a educação, com os alunos, e abraçando novos desafios – a eles serei eternamente grato pela confiança e companheirismo.

3 A EMCEF MARIA MANOELA DA CUNHA TEIXEIRA E SUA CONCEPÇÃO PEDAGÓGICA

A EMCEF Maria Manoela da Cunha Teixeira está situada na área rural do município de São Gabriel/RS (Figura 6), Distrito do Azevedo Sodré, no Assentamento Guajuviras, a aproximadamente 80 km da sede urbana do município de São Gabriel. A Escola em estudo foi fundada no dia 10 de março de 1999, pelo Decreto Executivo n° 019/99.

Figura 6 - Mapa de localização da EMCEF Maria Manoela da Cunha Teixeira



Fonte: O autor.

Primeiro assentamento de São Gabriel/RS, a Fazenda Guajuviras foi vendida em 1996 para o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), e seus primeiros lotes foram dados aos gabrielenses que eram moradores da região e funcionários da antiga Fazenda Guajuviras, cuja propriedade pertencia à Senhora Maria Manoela da Cunha Teixeira, a qual foi homenageada, posteriormente, como nome da Escola Polo que ali foi construída para atender os filhos dos moradores da região. Depois, chegaram assentados de Camaquã onde estavam acampados na rodovia, porém mais da metade dos assentados não se adaptaram à nova vida e foram embora, chegando novas famílias das cidades de Catuípe, Eldorado do Sul, Cacequi, Novo Hamburgo, Canguçu, São Sepé, Bagé e Piratini.

A escola oferta atendimento de educação infantil, anos iniciais e finais do ensino fundamental, funcionando em período integral, (matutino e vespertino), nas segundas-feiras, quartas-feiras e sextas-feiras – educação infantil, anos iniciais e finais do ensino fundamental – tendo alunos de várias localidades, utilizando-se do transporte escolar.

Para tanto, a EMCEF Maria Manoela atende a um número total de 82 alunos, desse número 08 são educandos em processo de inclusão. Sendo a quantidade de alunos por escolaridade: pré A, possui 06 alunos; Pré B, 04; 1º ano, 08; 2º ano, 04; 3º ano, 05 alunos; 4º ano, 07; 5º ano, 04 alunos; 6º ano, 11; 7º ano, 10 alunos; 8º ano, 13 e 9º ano, totalizando 10 alunos.

Quanto ao quadro de pessoal, a instituição possui 15 professores, uma diretora, uma supervisora, uma professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e os demais com regência de classe, 2 funcionárias, 1 merendeira terceirizada, 3 monitoras. A respeito do traslado, há 4 linhas de ônibus realizando os seguintes trajetos: Camará, Jacaré, Pomares e a linha que sai do centro urbano de São Gabriel levando professores, funcionárias e alguns alunos no decorrer do trajeto BR 290) – duas linhas terceirizadas e duas da prefeitura.

De acordo com o PPP, a escola Maria Manoela tem como Filosofia fundamentar suas atividades na formação de cidadãos críticos e atuantes na sociedade. Sua missão é ser uma referência de Ensino voltado à valorização dos alunos do campo com propostas que venham a dar uma melhor qualidade de vida aos mesmos, para que possam permanecer em sua comunidade e viver com dignidade. Já como visão, a referida escola luta para promover aos seus educandos,

atividades voltadas para a formação profissional e social dos alunos visando, assim, ao futuro dos mesmos no campo ou na cidade (SÃO GABRIEL, 2019b).

Entre os muitos projetos que a escola desenvolve e prioriza estão: a horta comunitária (Figura 7), organizada primeiramente pelos alunos da UNIPAMPA de São Gabriel, e depois mantida pelos alunos da escola; Dias de Campo, em que toda a escola visita e passa o dia em uma das propriedades da localidade a fim de conhecer as plantações e lhes é mostrado diversos processos de produção, muitas vezes com a presença de técnicos da EMATER-RS. Ainda, a escola realiza feiras de produtos na sede da escola, para que as famílias do assentamento demonstrem e ofereçam seus produtos à comunidade escolar, além de viagens educativas e lúdicas para a sede do município de São Gabriel e outros municípios, como Santa Maria, São Leopoldo, Viamão etc.

Figura 7 - Horta da EMCEF Maria Manoela



Fonte: Arquivo Pessoal.

Consoante o PPP, a escola constitui-se local de apropriação de conhecimentos formais construídos historicamente pela humanidade e local de

produção de conhecimentos em relações que se dão entre o mundo da ciência e o mundo da vida cotidiana. Para tanto, foi feita uma acurada revisão do PPP da escola para se ter um entendimento completo e da real situação de: para onde e de que maneira a escola pretende atingir seus objetivos, meta e missão.

Ainda em consonância com o PPP, os povos do campo precisam de uma escola que seja o local que possibilite a ampliação dos conhecimentos; portanto, os aspectos da realidade podem ser pontos de partida do processo pedagógico, mas nunca o ponto de chegada. O desafio é lançado ao professor, a quem compete definir os conhecimentos locais e àqueles historicamente acumulados que devem ser trabalhados nos diferentes momentos do fazer pedagógicos. O professor, assim como a direção de uma escola do campo, deve se aproximar da comunidade, compartilhar conhecimento e experiências, que, em conjunto, se tornam uma potente arma para a difusão de ideias e construção de um plano de trabalho diferenciado e direcionado ao público que a referida escola irá atender.

Neste sentido, quanto ao ensino de uma escola do campo, sua matriz curricular deve atender as especificidades e peculiaridades de seus alunos e nunca satisfazer um padrão pré-estabelecido em escritórios de burocratas em Brasília, muito longe da realidade daqueles que vivenciarão e levarão para toda sua vida os ensinamentos ali oferecidos e estudados.

Exposto isso, após a realização de entrevistas com pais, alunos, professores, direção e comunidade escolar e, ainda, a análise aprofundada do PPP, verificamos a concepção pedagógica da escola em estudo e o projeto de territorialização da proposta da educação do campo no município de São Gabriel/RS.

Assim, na tentativa de cumprir os objetivos propostos, compreender o território na perspectiva do camponês, a escola tem um trabalho muito grande na integração junto à comunidade local, organizando eventos como feiras de produtos ou mesmo nas festas realizadas pela mesma, onde as mães dos alunos e ex-alunos trazem seus produtos como doces, queijos, produtos alimentícios, artesanatos e etc, para comercializarem dentro do ambiente escolar durante os eventos, aproximando, dessa forma, a comunidade à vida escolar. Além disso, a escola também promove, junto à comunidade, visitas às propriedades rurais do entorno desta, para que os alunos e os professores conheçam a realidade de várias famílias do assentamento, fortalecendo, portanto, os vínculos da escola com a sua comunidade.

Outro aspecto importante diz respeito a viagens, uma vez que se configuram mais uma das preocupações que a escola tem em relação ao crescimento dos alunos, na certeza de proporcionar aos educandos, novas descobertas e experiências. Viagens, aliás, que em uma delas pude participar por ter sido convidado pela turma do 9º ano para ser paraninfo cuja formatura se realizou em meados de dezembro de 2019 na escola. Para tanto, isto me proporcionou a maravilhosa experiência de estar com a turma 9º Ano na Quinta da Estância, considerada a maior Fazenda de turismo rural e pedagógico com o foco voltado para a sustentabilidade localizada em Viamão-RS, uma viagem repleta de momentos emocionantes e de grande cumplicidade e comoção, registrado em vídeo e fotos pelos próprios alunos (Figura 8).

Figura 8 - Viagem à Quinta da Estância



Fonte: Arquivo Pessoal.

A comemoração das datas festivas e de relevância ao município, a educação e a construção dos sujeitos, são sempre comemoradas e celebradas pela escola. Demonstrando a importância com que a escola encara seus desafios, apesar das

dificuldades muitas vezes econômicas de realizar estes eventos, mas nunca deixando de realizá-los, o que valoriza imensamente aos alunos e comunidade escolar que se sente abraçada e acolhida pelo ente municipal.

Figura 9 - Dia de Campo/comemoração do Natal na casa de um assentado



Fonte: Arquivo Pessoal.

Em face disso, a programação das atividades desenvolvidas no transcorrer do ano letivo o qual busca levar em consideração o PPP da EMCEF Maria Manoel da Cunha Teixeira, como também, os sujeitos que fazem parte da proposta da Educação do Campo desta, sendo que tal planejamento expressa tentativas e medidas de valorização do contexto em que estão inseridos os integrantes da comunidade escolar, efetivando territorialidades em resistência, além do aperfeiçoamento de cada indivíduo que compõe este coletivo escolar. Ou seja, isto é percebido tendo em vista os projetos desenvolvidos pela referida Escola, dos quais possuem suas ações (re)significadas/direcionadas à vida no campo.

Figura 10 - Visita a uma propriedade do assentamento



Fonte: Arquivo Pessoal.

Por fim, a escola também se destaca por suas formaturas de final de ano, visto que toda a comunidade escolar é convidada e comparece para um grande almoço precedido da cerimônia de formatura, a qual conta com a presença da direção, de todos os professores e autoridades do executivo municipal a fim de que se realize a cerimônia de entrega do atestado de conclusão do ensino fundamental. Vale a pena ressaltar que as formaturas escolares são sempre realizadas na sede da escola e têm grande comparecimento da comunidade local.

Figura 11 - Formatura 9º ano



Fonte: Arquivo da Escola Maria Manoela.

Nesta acepção, entre as temáticas propostas pelas instituições de ensino localizadas na área rural, é imprescindível que essas peculiaridades e particularidades inerentes ao contexto social da vida no campo estejam presentes. Para isto, tanto o regimento, o PPP, quanto a organicidade da estrutura escolar devem trilhar os anseios que permeiam seus sujeitos no processo de ensino e aprendizagem, até mesmo porque as escolas do meio rural ainda correspondem à presença do poder público nas comunidades das quais são atendidas.

Preocupados, com isso, e como as escolas do campo devem se transformar para atenderem às necessidades da comunidade escolar e dos seus sujeitos, que no ano de 2018, capitaneados pela SEME, a EMCEF Maria Manoela da Cunha Teixeira e as demais escolas do campo tiveram a oportunidade de modernizarem seus PPPs e Regimentos internos. Durante todo o ano, em diversos e variados

encontros, a comunidade escolar, pais, mães, professores, membros do executivo e dos Conselhos escolares, estiveram reunidos para a confecção de um novo documento que atendesse aos interesses da coletividade.

A partir de longas discussões, debates e seminário foram traçadas as novas diretrizes que apontarão os caminhos a serem seguidos pela escola nos próximos anos. Uma educação voltada para a realidade dos alunos, onde o homem do campo tem suas atividades valorizadas, e onde os alunos compreendam a importância da permanência do homem no campo, na necessidade de uma agricultura sustentável, baseada em uma alimentação sem agrotóxicos, na preservação da cultura campestre e na construção de senso crítico capaz de lhe assegurar seu lugar de fala e com um olhar voltado ao futuro e ao campo.

4 UMA BREVE HISTÓRIA DO CINEMA E A EDUCAÇÃO DO CAMPO

*“Se as portas da percepção fossem lavadas,
Tudo pareceria como realmente é,
Infinito” (Aldous Huxley).*

Retomando alguns estudos sobre o cinema, registrados em Petrarca (2014), percebemos que ele pode não ter surgido apenas com o aparecimento da tecnologia, onde de fato aconteceu sua grande evolução, porém há registros históricos que comprovam que esta arte de captação do movimento é muito mais antiga que possamos imaginar.

Desenhos e Pinturas foram consideradas as primeiras formas de simular os acontecimentos da vida do homem e da natureza de nossos ancestrais. Pinturas rupestres são exemplos disso, pois muito se assemelham com os atuais *storyboards*, que reproduziam seu dia a dia através das pinturas nas paredes das cavernas.

Segundo a história de cinema, no antigo oriente, jogos de sombras eram usados nos teatros de marionetes para reproduzirem imagens, sendo considerados uns dos mais antigos precursores do cinema. Seguido por experiências com a câmera escura e a lanterna mágica, os fundamentos da ciência óptica, que tornaram possíveis o surgimento da cinematografia.

O cinematógrafo surge em 1895, de experimentos feitos com máquinas que reproduziam imagens (cinetoscópio). Considerado um ancestral da filmadora, o aparelho teve como idealizadores os irmãos Auguste e Louis Lumière. Movida à manivela, a máquina utilizava uma espécie de negativos perfurados, que substituía a ação de várias câmeras fotográficas para registrar o movimento.

A partir do cinematógrafo se tornou possível a projeção das imagens para o público e, então, a primeira exibição do aparelho foi realizada em La Ciotat, no sudeste da França em 28 de setembro de 1895. Já a primeira exibição direcionada ao público ocorreu em 28 de dezembro de 1895, no Gran Café, em Paris, onde foram exibidos dois filmes, “A saída dos operários das fábricas”, e “A chegada do trem na estação”, de Lumière. Eram documentários sobre a vida cotidiana, com cerca de dois minutos de projeção, que foram filmados ao ar livre, com produções simples e rudimentares, mas que nos dias atuais possuem grande valor histórico.

Méliès foi um grande ilusionista que filmava cenas do dia a dia de Paris com uma câmara que ganhou de presente do cinematógrafo Robert Willian Paul. Com o uso contínuo do equipamento, Meliès foi adquirindo experiências e conhecimentos técnicos que marcaram a sua carreira, com a descoberta do stop-action⁷, por exemplo, e a criação da perspectiva forçada e as filmagens em alta e baixa velocidade. Também foi o criador das storyboards para a projeção das cenas. Meliès, que é considerado o “pai dos efeitos especiais”, fez mais que 500 filmes, sendo “Le Voyage dans La Lune” (ou Viagem a Lua), de 1902, um dos mais conhecidos.

Nos Estados Unidos, o grande responsável por impulsionar a arte cinematográfica do D. W. Griffith, considerado o criador da linguagem cinematográfica. Griffith iniciou sua carreira no cinema em 1908, realizando curtas-metragens, também foi o autor do primeiro longa-metragem estadunidense, considerado também a base da criação da indústria cinematográfica de Hollywood, o até hoje controverso “O Nascimento de uma Nação”, de 1915. Além disso, é creditado a ele o pioneirismo na utilização de recursos como o close, montagem paralela e movimentos mais trabalhados de câmara, em obras dramáticas.

Ensinar a olhar, ver, contemplar e explorar o mundo à nossa volta faz parte da tarefa do educador. Assim, cabe questionarmos como vemos e lemos o mundo e suas representações e como devemos compreender os inúmeros textos, em forma de palavras, sons e imagens que nos cercam. Estas questões fazem parte da prática educativa contemporânea, pois a leitura e a compreensão de diferentes linguagens, expressas em vários suportes, constituem formas de letramento e aprendizagem.

Entre os diversos gêneros textuais a serem explorados em sala de aula, o cinema, merece nossa atenção, visto que embora esteja incorporado à vida cotidiana e às referências culturais da atualidade, é ainda uma terra desconhecida por grande parte dos educadores, pelo fato de que seus mecanismos e estratégias apropriados à sua leitura ainda serem pouco conhecidas e aplicadas no contexto educacional.

Nas escolas do campo, o uso do cinema proporciona, ainda, a possibilidade dos alunos dessas escolas, localizadas na maioria das vezes distantes dos grandes

⁷ Técnica de filmagem usada na qual a câmara é parada após um quadro ou vários quadros para permitir que objetos sejam ajustados para o quadro seguinte (FARLEX, 2020).

centros, apresentarem seu território, seu trabalho, seus produtos, seu modo de vida assim como as belezas da sua terra para o resto do mundo. Compartilhando, assim, sua cultura, suas riquezas, seus problemas e seus sonhos. Não de uma maneira mercantilista, capitalista, vendo a terra como um produto, mas com um olhar mais humanista do seu lar, do seu território, das analogias estabelecidas através dos mecanismos que norteiam as relações de poder e pertencimento. Em face disso, Pereira (2019, p. 19) expõe que:

Por isso novas temáticas surgem cotidianamente, e com elas, métodos de ensino mediados pelas TDICs, que desempenham papel importante nos estudos da ciência geográfica por proporcionarem dentro deste contexto, um espaço colaborativo, de compartilhamento, autoria e, acima de tudo, autonomia na construção do conhecimento em uma perspectiva de protagonismo dos estudantes.

Já o Cinema e a linguagem audiovisual têm o poder de retratar a realidade pelos olhos daquele que a imagina e ousa registrar através de lentes e olhos e sentimentos pulsantes, um horizonte de beleza e encantamento. Planos abertos em longas paisagens vazias, planos fechados em pequenos sorrisos dispersos, o andar desajeitado de uma Ema na coxilha, o som inconfundível da água corrente serena entre as pedras, o sol escaldante de um dia de verão, as estrelas brilhantes em uma noite de primavera, o aroma doce de um final de tarde de outono, ou a geada solitária e fria no amanhecer de uma manhã de inverno. Todas as imagens captadas, todas as palavras não faladas, em vazios de silêncio onde o som da natureza mais parece uma sinfonia inacabada à espera de sua plateia, que somos nós, a observar as maravilhas que nossa terra, nosso território e nosso lar podem proporcionar.

Já Name (2013), no que trata particularmente aos filmes, nos diz que a gama de processos envolvidos no *modus operandi* do cinema possibilita dotar o espaço geográfico de conteúdo aurático, ou ampliá-lo, de forma ímpar e contundente. Ao se aceitar a premissa de Milton Santos de que o espaço geográfico é conjunto indissociável de um sistema de objetos móveis e imóveis e um sistema de ações, Name (2013) ainda acrescenta os diversos atores sociais que os põem a agir percebe-se que os filmes tanto o reproduzem quanto o produzem.

No entanto, o espaço não é o único elemento intrínseco ao cinema. O cinema também tem como medida o tempo, pois, “[...] sob o ponto de vista formal, um filme é uma sucessão de pedaços de tempo e de espaço” (BURCH, 1992, p. 24).

Leonardo Name (2013) salienta em sua obra “Geografia pop: o cinema e o outro” que o cinema é diversão, mas também reúne um poderoso conjunto de discursos e imagens que representam e dão inteligibilidade à hierarquia e subalternidades, sendo um importante meio de representação de paisagens e lugares. Um universo vantajoso à investigação científica com base na análise espacial. Por meio da geografia e do cinema pode-se viajar pelo mundo e ver que tudo pode começar com o diretor gritando ação e terminar com um lindo pôr do sol com uma trilha sonora ao fundo, como no final de um filme que amamos.

Diante do exposto, Ferreira (2008) expõe que só a arte é capaz de dar conta daquilo que não pode ser enunciado, mas que ainda assim e por isso mesmo é essencial. Dessa maneira, a abordagem da arte cinematográfica enquanto instrumento de aprendizagem dentro do ambiente escolar mostra-se extremamente importante, uma vez que possibilita novas descobertas, novos vieses, saberes e olhares no fazer pedagógico.

Sendo assim, o processo de ensino e aprendizagem para ser plenamente alcançado necessita, muitas vezes, sair da rotina do dia a dia escolar e, ainda, romper os muros escolares, em uma metodologia dialética com vistas a compreender os saberes produzidos pelos agentes que constituem a Comunidade escolar.

De acordo com as novas perspectivas advindas da Lei 13.278/2016 (BRASIL, 2016) a qual altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/1996 no que tange à obrigatoriedade de implantar os componentes curriculares: ensino de Artes Visuais, Dança, Música e Teatro; e estabelece o prazo de até cinco anos para que os sistemas de ensino promovam a formação dos professores para a implantação desses componentes no Currículo Escolar em toda a Educação Básica. Desta forma notou-se a necessidade de apresentar novas atividades cuja abordagem é voltada para o fazer cinema, utilizando as TDICs, visto que tais tecnologias constituem importantes ferramentas no processo de ensino e aprendizagem que muito pouco é disponibilizado para os alunos do Campo, pois além de servirem para a promoção da autonomia dos educandos, constituem uma possibilidade de inserção destes sujeitos ao mundo globalizado.

Globalização esta, vista da perspectiva da integração do homem do campo em um mundo cada vez mais tecnológico e conectado, em que o camponês possa desfrutar desta tecnologia e integração para sua construção como sujeito crítico e

autossuficiente, contribuindo, assim, para seu desenvolvimento social, cultural e financeiro, não ficando à margem de ferramentas que podem sim ajudá-lo em sua caminhada para um futuro repleto de possibilidades e conhecimento.

O uso do cinema pode ter muitas aplicabilidades, desde a construção estética do conhecimento, cuja linguagem audiovisual pode desenvolver tanto aspectos artísticos, culturais e criativos nos estudantes, assim como se tornar uma ferramenta de luta, na consolidação de seus modos de vida, na produção do território e suas relações de poder, assim como também na solidificação de sua permanência no campo.

Cabe salientar que a democratização do cinema – enquanto dispositivo agregador – também pode ser usado como instrumento de luta contra a hegemonia proposta pela globalização com viés capitalista que lhe é imposta pelos mecanismos de produção e propaganda de massa existentes, dos quais denotam a segregação social. Sendo assim, a democratização do audiovisual proporcionada nos dias de hoje pela internet permite e dá voz a milhões de vozes caladas e ignoradas pelas grandes mídias e seus sistemas opressores e controladores de opinião, a revolução digital talvez tenha sido a maior revolução contra o sistema vigente e o pensamento único nos imposto por uma sociedade cada vez mais domesticada e incapaz de ir contra tudo o que lhe é dirigido ou imposto pelos meios de comunicação e o pensamento dominante.

Para Fernandes (2008), a Educação no Campo é um processo em construção que contempla em sua lógica a política que pensa a Educação como parte essencial para o desenvolvimento do campo. Seguindo seu pensamento, a Educação do Campo deve ser pensada como uma política pública voltada para o desenvolvimento do território camponês. Já Caldart (2012, p. 262) diz que:

A Educação do Campo não nasceu como teoria educacional. Suas primeiras questões foram práticas. Seus desafios atuais continuam sendo práticos, não se resolvendo no plano apenas da disputa teórica. Contudo, exatamente porque trata de práticas e de lutas contra-hegemônicas, ela exige teoria, e exige cada vez maior rigor de análise da realidade concreta, perspectiva de práxis. Nos combates que lhe têm constituído, a Educação do Campo reafirma e revigora uma concepção de educação de perspectiva emancipatória, vinculada a um projeto histórico, às lutas e à construção social e humana de longo prazo. Faz isso ao se mover pelas necessidades formativas de uma classe portadora de futuro.

Parafraseando Meurer (2010), devemos ter um novo olhar para a educação do campo, sendo assim, uma reflexão deve ser realizada sobre os atores que a integram e/ou pertencem. Por conseguinte, a reflexão sobre quem são os seus alunos, o que seus pais produzem e quais são os projetos de vida que permeiam o imaginário dos estudantes faz-se eixo norteador desta proposta. Além disso, a compreensão da história do educando constituída junto ao território no qual vive, e a valorização destes aspectos no processo de formação desses sujeitos efetiva-se significativo instrumento no que tange ao processo de construção deste estudo.

Em face dessa perspectiva, construíram-se, com esta pesquisa, situações às quais os educandos tiveram que se relacionar com o mundo e a realidade em que vivem não dissociando por um segundo sequer com o mundo exterior que os permeia, assim sendo, a construção deste protagonismo há tanto tempo desejado e sonhado pelos educadores, foi possível acontecer porque a proposta, em si, coloca nas mãos dos alunos o fazer pedagógico, e seu crescimento aconteceu por suas próprias ações e percepções de que o seu futuro está em suas mãos, cabendo ao professor somente o papel de fiador/mediador de suas habilidades e conhecimentos.

Ainda segundo Meurer (2010), a escola não pode isolar-se do tecido social, produzindo apenas conhecimentos fragmentados, sem relação com as histórias de vida de seus educandos e suas educandas, mas sim, a escola deve buscar a promoção da emancipação destes sujeitos, e abrir espaços para a participação da comunidade escolar no contexto educacional institucionalizado. Portanto, o que acontece nos dias de hoje na EMCEF Maria Manoela da Cunha Teixeira, a qual retornei ao quadro de professores neste fatídico ano de 2020, é a inversão de todos os cânones tradicionais há tempos impostos por séculos e séculos de obscurantismo acadêmico, onde os alunos respondiam apenas a antigos dogmas educacionais há tempos renegados e combatidos pelos adeptos a uma nova educação, mas que por estarem há tanto tempo enraizados nas estruturas seculares do nosso saber programático, se tornaram grandes monumentos quase impossíveis de serem derrubados. Mas que hoje começam a ser demolidas, pedaço por pedaço.

De acordo com Fernandes e Molina (2004), são as relações sociais que transformam o espaço em território, da mesma maneira que o espaço e o território são fundamentais para a realização das relações sociais. Nesse sentido, o território como espaço geográfico contém os elementos da natureza e os espaços produzidos pelas relações sociais.

É, portanto, uma totalidade restringida pela intencionalidade que o criou. Dentro desta perspectiva, levando em consideração as reflexões teóricas sinalizadas até então, assentaram-se os procedimentos metodológicos desta proposta de trabalho visando ao coletivo – educadores e educandos da EMCEF Maria Manoela da Cunha Teixeira, ambicionando através do cinema à valorização do sujeito que efetiva a educação do campo.

5 CONSIDERAÇÕES ACERCA DO TERRITÓRIO: A EDUCAÇÃO DO CAMPO E O USO DO CINEMA “LÁ FORA”⁸

*"A miséria humana se alimenta,
do egoísmo de quem não ama"
(Do Autor).*

5.1 O CONCEITO DE PODER E DE TERRITÓRIO NA CIÊNCIA GEOGRÁFICA

Ao determinarmos como objeto de nosso estudo, crianças e adolescentes oriundos da área rural do município de São Gabriel, mais precisamente crianças filhos de assentados procedentes de diversas regiões do nosso estado, far-se-á imprescindível estabelecer algumas considerações necessárias para o entendimento das relações estabelecidas pelas existentes entre espaço, tempo, território e poder; para assim conseguir melhor entender e mensurar a validade de nossa proposta em relação ao público-alvo determinado no referido projeto e seu crescimento em todo esse processo.

Quando abordamos as categorias de Espaço e Território é comum ocorrer confusão entre ambos, conforme Raffestin (1993), esses termos não são sinônimos, uma vez que o território é posterior ao espaço, e que surge a partir deste. Compreendemos que a categoria espaço não é específica da Ciência Geográfica, outras áreas de conhecimento também usam essa categoria, como por exemplo, a física e a matemática. Nesse domínio, ocorrem mudanças quanto ao conceito utilizado para definir a categoria espaço conforme sua utilização em determinada área do saber.

Na Geografia, ainda segundo Raffestin (1993), Espaço, em analogia, é como se fosse a matéria prima, preexiste a ação do homem e a intenção de dele se apoderar. Desse modo, o espaço pode ser compreendido como um palco para as manifestações e ações projetadas pelos agentes sociais.

Já o território na percepção de Raffestin (1993), é compreendido como frações do espaço apropriado pelas relações de poder que, de acordo com essa apropriação, o ator territorializará o espaço, ou seja, organizará o território de acordo com seus interesses e necessidades. Assim sendo, os agentes sociais delimitam uma porção do espaço para dominá-lo, transformando o território em um espaço de

⁸ Lá fora – expressão utilizada para designar a área rural do município.

vivência. Ou seja, Raffestin coloca o espaço como a matéria prima; e o território, a sua produção.

No que tange ao surgimento etimológico quanto à origem e evolução do termo território, o autor Haesbaert (2004) sinaliza duas vertentes amplamente difundidas acerca do assunto. Para tanto, o primeiro – predominantemente – refere-se a terra, isto é, demonstra o território enquanto materialidade, e o segundo, refere-se aos sentimentos desencadeados pelo território, “[...] medo para quem dele é excluído, de satisfação para aqueles que dele usufruem ou com o qual se identificam” (HAESBAERT, 2004, p. 44).

Na perspectiva de Fernandes (2008), ao longo dos tempos, na história do pensamento geográfico, o território se tornou uma de suas categorias conceituais pelo fato de agregar ao espaço um valor ligado às relações sociais ocorridas nele. Sendo assim, o território dá ao espaço os valores de uso, troca, o valor de produção e reprodução contínua. E, é esse o espaço em que os filhos dos assentados do Assentamento Guajuviras e demais crianças que frequentam a escola em estudo buscam se (re)construir como indivíduos protagonistas de sua própria história, estabelecendo uma relação de poder firmada no trabalho e estudo, desempenhada por um sujeito protagonista no espaço formado, produzindo um território estabelecido pelas relações de poder existentes.

Ainda segundo Fernandes (2009), para entendermos as disputas territoriais e conflitos, devemos observar a tipologia de territórios, compreendendo que existem diferentes tipos de territórios produzidos e que produzem relações sociais distintas, assim, abordamos a diversidade territorial ou a multiterritorialidade produzidas cotidianamente por intencionalidades distintas, sendo a relação classe-território intrínseca, assim, “[...] as múltiplas dimensões do território são produzidas relações sociais, econômicas, políticas, ambientais e culturais. A dimensão une espaço e relação, que são construídos pelas ações e intencionalidades” (FERNANDES, 2009, p. 202).

Levando em consideração os elementos que efetivam as relações interpessoais entre os indivíduos e dos grupos sociais em um dado espaço, um território, sob a concepção de Haesbaert (1999, p. 172) “[...] podemos afirmar que não há território sem algum tipo de identificação e valoração simbólica (positiva ou negativa) do espaço pelos seus habitantes”.

Em relação aos conflitos sociais existentes no campo, estes devem ser estudados em uma perspectiva de investigação que os compreenda como elemento decorrente das relações sociais e de poder existentes em um dado lugar e tempo, ou seja, são partes da ordem social existente e como tal, ganham enorme relevância teórico-política, sendo responsáveis por importantes mudanças e transformações na sociedade.

Voltando a Raffestin (1993), podemos dizer que o território é um espaço político por excelência, o campo dos trunfos; a população está na origem do poder, exercendo sua capacidade de transformação e ação. Diante dos fatos, as relações que se estabelecem no território por um grupo ou indivíduo devem ser compreendidas como uma relação de poder. Por sua vez, o poder torna-se parte inseparável do território, e esse só existe a partir dessa relação.

Ponderamos assim, que, sobretudo, para compreendermos a relação entre Espaço e Território, temos que considerar que esta relação se dá através do Poder. Conforme Fernandes (2008), o território é formado a partir do espaço apropriado por uma determinada relação social que o produz e mantém através de poder.

Assim, segue o autor, o território com seus limites e fronteiras, é um espaço de conflitos, uma fração do espaço geográfico onde as relações sociais de desenvolvem de maneiras contraditórias, solidárias e conflitivas. Espaço se caracteriza como este conjunto de objetos dispostos na superfície, sendo eles naturais ou construídos artificialmente pelo Homem.

Já o território pode ser considerado como delimitado, construído e desconstruído por relações de poder que envolvem uma gama muito grande de atores que territorializam suas ações com o passar do tempo. Esta delimitação pode não ocorrer de maneira precisa, pode ser irregular e mudar historicamente, bem como acontecer uma diversificação das relações sociais em um jogo de poder cada vez mais complexo construído no dia a dia do homem do campo.

Para tanto, é imperioso em relação ao contexto educacional da EMCEF Maria Manoela Teixeira da Cunha oferecer aos educandos ferramentas pedagógicas, que lhes possibilite, em sala de aula, o entendimento de que a história do território é um processo dinâmico de construção. Haja vista que, a territorialização do assentamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) na área rural do município citado é um demonstrativo de que o espaço habitado é

(re)construído em consonância com as demandas humanas na luta pela sobrevivência, reconhecimento social e conquista do território.

O estudo do território deve se constituir como uma narração compartilhada e investigada no contexto escolar, já que se reproduz além dos limites no qual o sujeito encontra-se inserido. Neste sentido, as crianças e adolescentes que residem na área rural estabelecem relações coletivas, pois além de compartilharem o espaço escolar, ainda vivenciam as mesmas dificuldades referentes à vida no campo, dentre elas: longas distâncias da área urbana, inacessibilidade à saúde, precariedade das condições das estradas, falta de acesso à tecnologia ou mesmo acesso muito precário, entre outras dificuldades/problemáticas. Ao mesmo tempo, estes jovens vivenciam uma infância que as demais crianças muitas vezes desconhecem, ou conhecem apenas através dos livros e dos filmes: respirar o ar puro, andar descalços na relva, o orvalho no amanhecer, os banhos de chuva no verão, a cumplicidade criada com o convívio diário com a natureza e os animais, o céu azul de dia, a noite estrelada, o inconfundível cheiro de chuva no verão, a comida saudável, o afeto da família, com a qual divide as dificuldades e as alegrias.

Estas vivências ocorrem entre todos os jovens daquela região que frequentam a Escola Maria Manoela, desde os filhos dos assentados, assim como os filhos de pequenos produtores, filhos dos empregados das médias e grandes estâncias e comerciantes que moram nas proximidades. Estes jovens dividem estas experiências juntos, cada um trazendo consigo e compartilhando com os demais, sua história, seu modo de vida e sua criação.

Neste sentido, tais experiências de vida enriquecem seu ambiente de estudo e fomentam, na escola e no fazer pedagógico, um ambiente de diversidade e comunhão na construção de um conhecimento amplo por meio de vivências singulares que se completam ao mesmo tempo.

Quando se aborda acerca da Educação do campo, é sempre importante compreender a necessidade de construção de uma nova proposta educacional, com referenciais teóricos voltados às peculiaridades e aspectos únicos da área rural, cujas práticas pedagógicas se alinhem ao dia a dia das lidadas campeiras ajudando a formar um sujeito crítico, autônomo e livre para se reconstruir a partir de suas novas vivências e antigos costumes – saberes-fazeres tradicionais perpassados de geração a geração. Nesse sentido, Meurer e De David (2012, p. 517) sinalizam que

Faz-se necessário construir uma educação voltada para o campo que assuma a sua identidade e cultura. Isso implica mudança de conceitos, conteúdos, valores, habilidades e atitudes por parte do educador e dos educandos, de modo que tal proposta exige espaço-tempo de reflexão conjunta, coletiva e solidária, aspecto que não ocorre de uma hora para a outra, mas exige intencionalidade, desprendimento, responsabilidade, organização, entre outros aspectos.

Sendo assim, é de suma importância que o corpo docente das escolas do campo entenda os aspectos históricos e as características culturais que constroem e modelam a realidade dos educandos, ressignificando suas realidades para a efetivação de práticas pedagógicas que abracem e contemplem estas necessidades, proporcionando uma educação construtiva e alinhada às peculiaridades do meio rural.

Harvey (2004) compara os educadores a um “arquiteto rebelde”, pois com suas práticas pedagógicas podem apresentar novos meios para interferir e incluir novas práticas sociais, coletivas e humanas, proporcionando uma reflexão crítica no fazer pedagógico e com respeito à diversidade cultural de cada sujeito social.

Segundo Bezzi (2004, p. 48),

[...] a partir da década de 70, as ciências, de um modo geral, são chamadas à prática social. A Geografia teve que se inserir nesse movimento, uma vez que estava sendo acusada de acrítica, ideológica e conservadora. No bojo dessas transformações, deu-se início a um processo de críticas radicais que, em grande parte, coincidiu com uma aceitação do discurso marxista. Ocorre, então, a incorporação de novos paradigmas à Geografia.

Ainda segundo Bezzi (2004), esse novo direcionamento da Geografia, ou seja, a Geografia Crítica nasce junto com outras correntes geográficas, como a Geografia Humanística e a Geografia Cultural.

Seguindo a linha dos estudos atuais, as definições de espaço e território, ainda são novas, a construção destes conceitos está sendo realizadas com base na realidade conflitada entre diferentes territórios dos grupos sociais que vivem no campo. Nos estudos de Fernandes (2006), o espaço social na visão de Lefebvre, é a materialização da existência humana, sendo assim compreendido como uma dimensão da realidade.

De acordo com Fernandes (2006), o território na perspectiva de Raffestin foi definido como sistemas de ações e objetivos vinculados aos elementos do espaço, que podem ser entendidos como sistemas de objetos. Assim sendo, entendemos que o espaço e o território são fundamentais para a efetivação das relações sociais.

Entendendo que os processos geográficos são, também, processos sociais, compreendemos que os processos sociais são movimentos das propriedades espaciais e das relações sociais.

Assim, segundo Fernandes (2008) entendemos que a territorialização é o resultado da expansão do território, a territorialidade é a manifestação dos movimentos das relações sociais mantenedoras dos territórios que reproduzem ações próprias ou apropriadas. Ainda segundo Fernandes (2008), existem dois tipos de territorialidade, a local e a deslocada, que o podem acontecer simultaneamente.

Nesse sentido, faz-se necessário destacar que as temáticas elegidas para o desenvolvimento e funcionalidade aplicabilidade deste estudo: Educação do campo, território e cinema “lá fora”: o caso da EMCEF Maria Manoela da Cunha Teixeira, constitui uma abordagem de cunho interdisciplinar, como também uma relação estreita com a historicidade dos(as) educandos(as), frente à realidade local, respeitando a territorialidade dos sujeitos do campo.

Conforme tudo o que foi explicitado, compreendemos que o território é um dos principais e mais utilizados termos da Geografia, pois está diretamente relacionado aos processos de construção e transformação do espaço geográfico. Sua definição varia consoante a corrente de pensamento ou a abordagem que se realiza, mas a conceituação mais comumente adotada o relaciona ao espaço apropriado e delimitado a partir de uma relação de poder. Este poder está ligado ao domínio exercido pelo Estado, de forma que o território conforma uma identidade tal que o povo que nele vive não se imagina sem a sua expressão territorial.

6 O CINEMA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NA CONSTRUÇÃO DO PROJETO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

*“Pequenas canções mundo afora
Pequena Flor de Liz que me namora
Pequena Dor que morou em mim
Nesta grande visão pequena da vida”
(Do Autor).*

Não se pode discorrer sobre ferramenta pedagógica e mediação do conhecimento sem elencarmos um pouco dos estudos de Vygotsky. Segundo Ferrari (2008a), o aprendizado acontece quando o homem compreende que sua formação acontece devido à troca de saberes com a coletividade. "Na ausência do outro, o homem não se constrói homem" (VYGOTSKY apud FERRARI, 2008a, s./p.).

Para Vygotsky (1988 apud MOREIRA, 1999), a trajetória formativa do indivíduo se dá em uma relação dialética interacionista⁹, isto é, por meio da interação que o sujeito efetiva junto ao ambiente, bem como através das relações interpessoais – o que denota a experiência pessoalmente significativa.

Em face dessa perspectiva, o processo de aprendizagem constitui-se uma experiência social, cuja mediação ocorre por meio de instrumentos e signos. Logo, a aprendizagem trata-se de uma experiência social cuja interação é permeada pela linguagem e, ainda, pela ação (MOREIRA, 1999).

Nessa acepção, nosso estudo usa o cinema como ferramenta pedagógica de mediação do conhecimento que se aproxima das teorias de Vygotsky à proporção que valorizam a importância da mediação do docente no processo de ensino e aprendizagem de novas linguagens, diferentes temáticas ou inovações tecnológicas.

Já Segundo Thiel e Thiel (2009), é inegável o papel exercido pelo cinema como forma de entretenimento. Nascido no final do século XIX, quando da apresentação do Kinedoscópio por Thomas Édison, no ano de 1893 em Chicago, e da apresentação do cinematógrafo pelos irmãos Lumière, na França em 1895, o cinema transformou-se pelas técnicas desenvolvidas nos séculos XX e XXI. Contudo, o mesmo fascínio que em 1902 atraía as plateias a assistirem à “Viagem à Lua”, de Georges Méliés permanece e conquista espectadores ansiosos por filmes

⁹ De acordo com Moreira (1999), a teoria do pesquisador Vygotsky acena acerca do desenvolvimento cognitivo o qual se dá pela interação social. Com isso, ao menos, dois sujeitos estão envolvidos, ativamente, experienciando ideias, gerando novas experiências e conhecimento.

que incitam a imaginação e surpreendem pelo uso da avançada tecnologia. Segundo Amaid Guigue (2001, p. 324):

O cinema pode ser apreendido [...] como experiência de vida. O que significa que ele pode ser outra coisa ou mais do que um objeto estético suscetível de ser julgado belo ou agradável. Ele pode marcar profundamente nossa existência da mesma forma que a literatura ou a música. Uma experiência de vida põe em jogo muito mais coisas que nosso simples gosto, ela põe em jogo nossa própria existência e aquilo que somos.

Na esteira de Guigue (2001), Thiel e Thiel (2009, p. 08) apontam que:

[...] visto como experiência de vida, o cinema amplia os horizontes do conhecimento humano. Se o sujeito dessa experiência analisa os temas, as imagens os diálogos e as técnicas utilizadas para criá-lo, sua percepção da sociedade e da vida ganha novas perspectivas por um olhar diferenciado.

Em vista disso, incluímos o cinema em atividades que contemplam a educação dos nossos alunos, de forma a trabalhar a interdisciplinaridade e a transversalidade em sala de aula, mas também apontar questionamentos que contribuam para o desenvolvimento do pensamento crítico e, sobretudo, da construção de sujeitos autônomos e protagonistas da própria história.

Figura 12 - Filmagem dos alunos



Fonte: Arquivo Pessoal.

Não se pode falar em o uso do cinema em sala de aula, sem abordarmos, primeiro, a importância das TDICs; criando novas formas de integração e conhecimento, as TDICs revolucionaram o mundo. No campo educacional, atualmente, se debate sobre as TDIC como um instrumento de inclusão social, e que sejam instrumentos capazes de proporcionar novas formas de aprendizagem.

Vale ressaltar que na sala de aula tradicional, os alunos na maioria das vezes são meros receptores, muitas vezes oprimidos por didáticas ultrapassadas e professores que usam do excesso de conteúdos para controlarem suas turmas e ditarem o processo de ensino aprendizagem. Porém em uma proposta como essa, os alunos deixam de ser oprimidos e passam a serem protagonistas, produzindo seu próprio conhecimento através de atividades onde suas decisões são que determinam aquilo que será estudado e construído de acordo com a dinâmica proposta pelo pesquisador. É uma via de mão dupla, onde pesquisador e pesquisado trabalham em conjunto na produção do conhecimento.

De acordo com a teoria piagetiana, o conhecimento se produz a partir da ação do sujeito sobre o meio em que vive, o que só se constitui por meio de experiência e da ação – relação do sujeito com o objeto em conhecimento. Portanto, Piaget propôs à educação, o desafio de levar em consideração que o conhecimento não é acabado em si, no entanto, trata-se de um processo de busca e apropriação de conhecimento, isto é, o educando sendo capaz de criar conhecimentos à proporção que aprende por meio da interação junto ao professor e não somente enquanto receptor de informações (GOMES; GHEDIN, 2012).

Dessa forma, durante o desenvolvimento da oficina de linguagem audiovisual, os alunos demonstraram-se bem atentos em todo o processo. Para alguns, fora uma novidade o manuseio dos equipamentos e, também, o conhecimento da função de cada objeto cinematográfico. Para outros, foi o aprofundamento do uso das TDICs, pois a tecnologia já faz parte do cotidiano deles por meio do aparelho celular. Entretanto, não se pode deixar de enfatizar o quanto o envolvimento de todos os educandos superou as expectativas, haja vista que eles buscavam aprender e superar as dificuldades do novo.

Vale destacar o quão importante foi a realização destas oficinas de cinema no que trata da constituição das descobertas e dos saberes apropriados pelos alunos, haja vista que para Piaget, o principal objetivo da educação é criar indivíduos

capazes de originar o novo e não simplesmente repetir aquilo que outras gerações já fizeram (GOMES; GHEDIN, 2012). Sobre o assunto, Ferrari (2008b, s./p.) expõe:

As descobertas de Piaget tiveram grande impacto na pedagogia, mas, de certa forma, demonstraram que a transmissão de conhecimentos é uma possibilidade limitada. Por um lado, não se pode fazer uma criança aprender o que ela ainda não tem condições de absorver. Por outro, mesmo tendo essas condições, não vai se interessar a não ser por conteúdos que lhe façam falta em termos cognitivos. Isso porque, para o cientista suíço, o conhecimento se dá por descobertas que a própria criança faz - um mecanismo que outros pensadores antes dele já haviam intuído, mas que ele submeteu à comprovação na prática.

Portanto, as descobertas efetivadas pelos partícipes durante a realização das oficinas revelam a apropriação do conhecimento dos mesmos. Isto é, tal proposta demonstra possibilidades diversas de os educandos realizarem manifestarem-se, sobretudo, para a efetivação de seus protagonismos e crescimento social como seres atuantes e importantes na sociedade, contribuindo, inclusive, para o empoderamento destes sujeitos, pois eles revelaram-se autônomos no processo de efetivação do curta. Assim, esta proposta na noção piagetiana de autonomia, tanto no campo cognitivo como no campo afetivo, uma vez que ambos são indissociáveis, consoante o pensamento de Piaget.

Ao utilizarmos as TDICs, os procedimentos didáticos, devem privilegiar a construção dos conhecimentos e o uso dos artefatos tecnológicos deve possibilitar experiências diferenciadas de ensino e aprendizagem, na qual o professor atua como mediador e orientador e o aluno assuma um papel mais de protagonista neste processo. Dentre as muitas razões da inserção das tecnologias no fazer educação destacam-se as aulas mais atrativas e interativas. Estas ferramentas estimulam novas experiências e favorecem a construção da aprendizagem.

Neste sentido, a inserção das TDICs no processo ensino e aprendizagem podem contribuir para uma prática pedagógica que atue sob uma perspectiva em que ocorra uma interação efetiva e criativa dos recursos midiáticos. No entanto, para um total aproveitamento das suas vantagens, a utilização das TDICs em sala de aula, estas devem vir precedidas de planejamento adequado, em práticas educativas centradas nos alunos, de professores atualizados. Isso se faz necessário para que se possa superar o paradigma de que o uso das TDICs é um simples recurso de ensino, mas compreender que estas são ferramentas mediadoras que possibilitam experiências significativas no fazer pedagógico.

A escola sendo um ambiente institucionalizado de ensino vem, mesmo que muito lentamente, se adequando às novas tecnologias digitais da informação e comunicação, também chamadas (TDICs), as quais são usadas como ferramentas pedagógicas para as mais variadas atividades, inclusive ao audiovisual. Dessa forma, as TDICs propiciam o desenvolvimento da criatividade dos educandos, bem como também são um poderoso instrumento de inclusão socialização.

Como exemplo pragmático do favorável uso das TDICs, podemos nos apropriar da fala de Fontoura (2014, p. 99), que nos diz que:

[...] a compreensão da Escola enquanto lugar de ação social possibilitou relacionar a instituição dentro de dimensões de escalas diversas, se compreendido como espaço local e global ao mesmo tempo. Em vista disso, surgiram exemplos de ferramentas educacionais que podem contribuir para essa relação, como o Google Maps e Earth, que disponibiliza visualizar e buscar compreender a função social da instituição em cada escala/espaço de atuação.

Assim sendo, apresentamos esta proposta de estudo tendo às reflexões teóricas alicerçadas nas matrizes dos autores que não se pode prescindir: Caldart (2004, 2012), Fernandes e Molina (2004), Fernandes (2006, 2008, 2009), Meurer (2010), Name (2013), Meurer e De David (2012), bem como por se tratar de um estudo realizado acerca da Educação do campo, é preciso refletir, dialogar e escrever a respeito das ações desenvolvidas junto a esses sujeitos, a fim de dar-lhes visibilidade contribuindo, assim, para a criação de uma sociedade mais humana e igualitária. Outrossim, a busca da inserção das TDICs no fazer pedagógico nas escolas do campo constitui-se uma medida significativa no que tange à inclusão destes sujeitos no universo tecnológico – indispensáveis na contemporaneidade.

Doravante, acreditamos na importância deste estudo, haja vista as experiências vivenciadas no decorrer deste projeto, que foi oportunizado ler e reler a realidade que permeia o contexto da Escola do Campo, mas – principalmente – por esta proposta nos fazer refletir sobre a realidade destes sujeitos, inspirando novos rumos e olhares nos agentes que constituem o fazer Educação do Campo.

Enquanto estratégia metodológica foi realizada entrevistas com alguns pais de alunos (seis) cujos questionamentos procuraram traçar um perfil da família, sua percepção sobre a importância da escola, do seu olhar para a sua comunidade e o local onde vivem, seus sonhos e o significado do campo na vida de cada família. Para isto, as respostas surpreenderam por sua sinceridade, haja vista que estes

sujeitos revelaram seus anseios, sonhos e desejos para a construção da vida de cada filho ou membro da família.

Na visão de uma mãe, que chamaremos aqui de Mãe A, a qual há 22 anos vive no Assentamento Guajuviras, cujos dois outros filhos também já estudaram na escola, a mesma qualificou como BOA a qualidade do ensino. Doravante, acerca da importância da escola do campo para sua família, bem como sobre o território onde vivem, mãe A acena:

[...] a melhor coisa que tem é a gente poder acompanhar os filhos até eles concluir o ensino fundamental e, depois, quando irem estudar na cidade levam os valores que aprenderam no campo. O melhor lugar para se viver ainda é o campo, na sua simplicidade e conseguir passar uma boa educação e ensinar os filhos a valorizar onde moram e se orgulhar sempre do nosso interior. O sonho de ver os filhos ter uma base boa e ver formados e saber que saíram de uma escola do campo mostrar que temos boas escola no interior e bons professores e um dia olharem para trás e se orgulharem de onde vieram, chegarem a um objetivo na vida na simplicidade do interior. O campo é o lugar que ainda podemos nos sentir seguros ainda. Mas temos dificuldades mas temos paz e a esperança mas boas escolas para uma boa educação para nossos filhos para nos orgulharem sempre (Mãe A).

Dessa forma, podemos perceber o quão importante constitui-se o papel da escola do campo para a mãe A no Assentamento Guajuviras, haja vista que a mesma se refere à escola de modo a valorizá-la.

Na esteira da narrativa de outra entrevistada, aqui denominada mãe B, que vive há 16 anos no assentamento, possui três filhos, todos estudando ou já passaram pela escola, nos ressalta que se realiza cada vez que um filho termina os estudos na escola e diz que seu sonho seria a vinda de um curso técnico para o educandário, propiciando, com isso, a permanência dos seus filhos no campo para continuar os estudos. Mãe B ainda destacou que teve muito orgulho em assistir sua filha atuando como repórter há três anos enquanto apresentadora de telejornal. Esta lembrança trata-se de um projeto de quando estávamos na escola cuja finalidade era apresentar notícias da comunidade, a rotina escolar por meio de um telejornal: MM news (Maria Manoela news) o qual postávamos as reportagens no canal youtube e que apresentávamos na TV para todos os alunos da escola uma vez por mês.

De modo geral, as demais famílias entrevistadas têm em média três filhos que estudam ou já estudaram na escola. Sendo assim, quanto ao ensino oferecido, estas qualificam a escola como BOA e, assim, apresentam-se muito gratas por terem a

escola na comunidade, o que denota valorização da escola Maria Manoela e a importância que possui para cada família.

No que tange ao território, as famílias entrevistadas tratam onde vivem como uma opção de vida, bom para se morar, bonito e agradável. Neste sentido, definem o campo enquanto um lugar de fartura, tranquilidade e de vida difícil, mas que significa tudo na vida dessas famílias. Em sua totalidade, possuem sonhos de ver seus filhos e filhas formados.

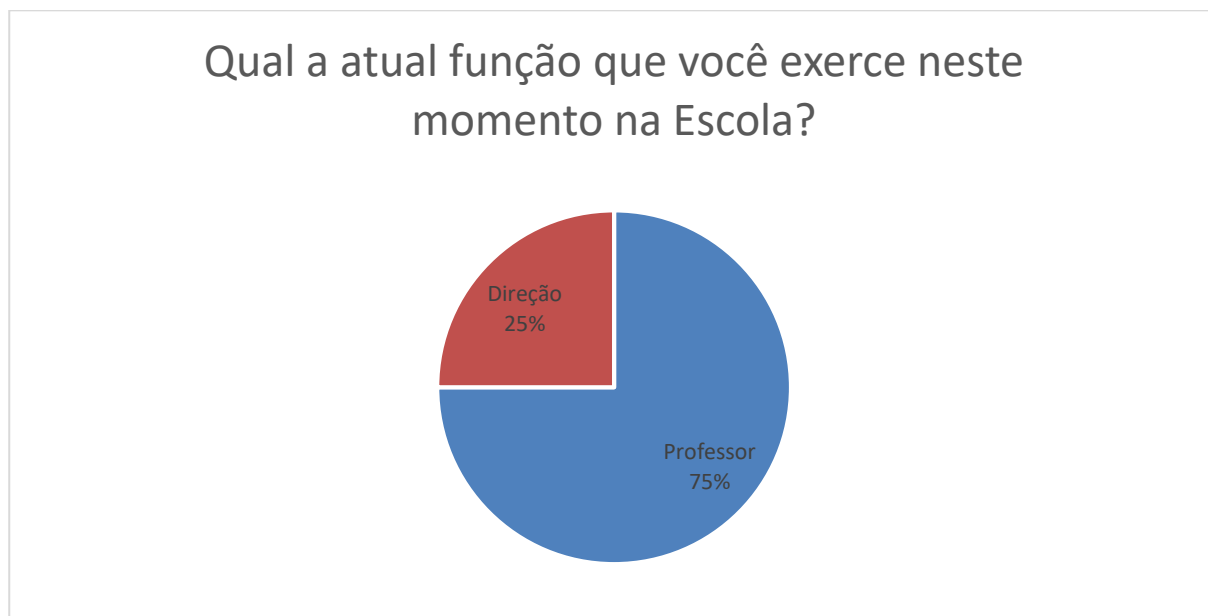
Acordamos com Santos (2012), quando ele diz que se interpretam as conquistas e transformações que se processaram através da luta pela terra e na terra, através dos assentamentos rurais como parte do processo de “especialização e territorialização” dos assentados. Ainda segundo Santos (2012, p. 35), forma-se uma “[...] nova geografia na dinâmica da produção do espaço rural e [...] urbano de São Gabriel, pois novos agentes passam atuar na historicidade e no movimento que constrói a totalidade e a totalização do espaço geográfico” e conseqüentemente na conquista do território.

Depoimentos fortes, sinceros e cheios de esperança e gratidão, o que mostra a força de um povo que luta e não desiste de sonhar e ainda ter esperanças de dias melhores para si, mas principalmente para seus filhos, casos de amor a terra, ao próximo e aos seus. Percebemos, sobretudo, um respeito e admiração muito grandes à Escola e aos seus professores e funcionários com os quais dividem quase que diariamente a educação de seus filhos. Outro ponto importante que se deve destacar é a presença dos pais na vida e na rotina da escola, são presentes e participam ativamente das atividades propostas, dos dias festivos e da vida escolar, o que é motivo de elogios e admiração.

No que concerne à equipe diretiva da EMCEF Maria Manoela, bem como o efetivo dos professores, todos já participaram, anteriormente, de atividades relacionadas ao audiovisual e, agora, das oficinas e workshops. Dessa forma, foi aplicado junto a 08 professores da Escola um questionário com seis perguntas de múltipla escolha para que respondessem de acordo com a experiência didática de cada um. Os resultados obtidos legitimaram nossa percepção e, por fim, dão sustentação às nossas considerações finais.

Em face disso, as questões apresentadas e seus resultados foram:

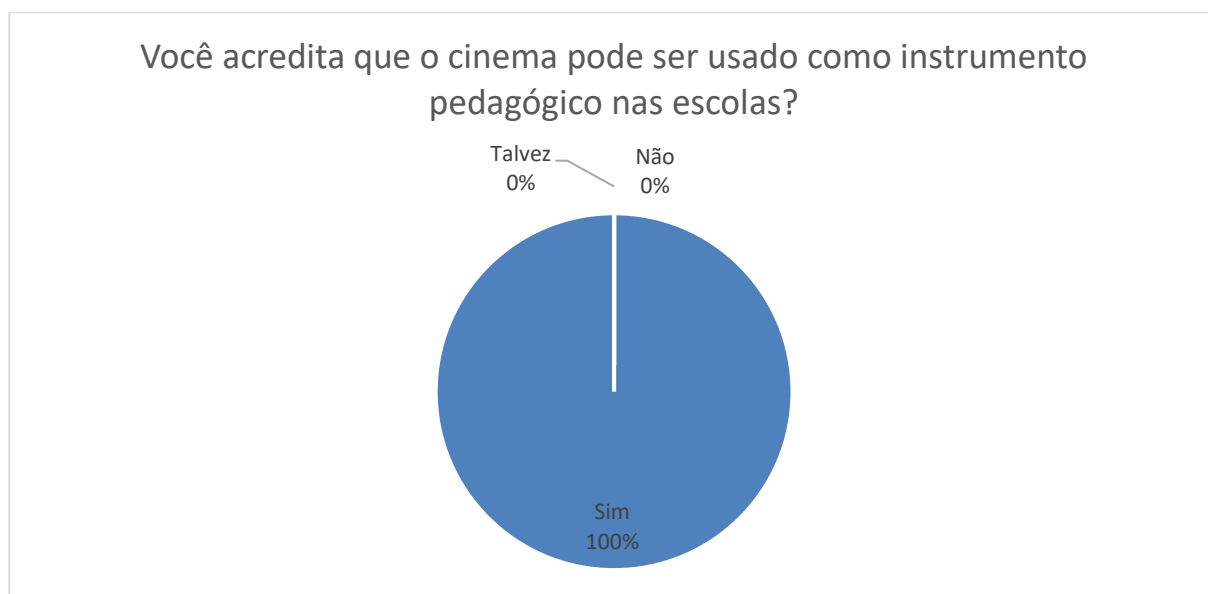
Figura 13 - Questão 01



Fonte: Elaborado pelo autor.

Importante salientar aqui que houve uma troca na direção da escola nos últimos três anos, professores que antes estavam na direção hoje se encontram na sala de aula e vice e versa.

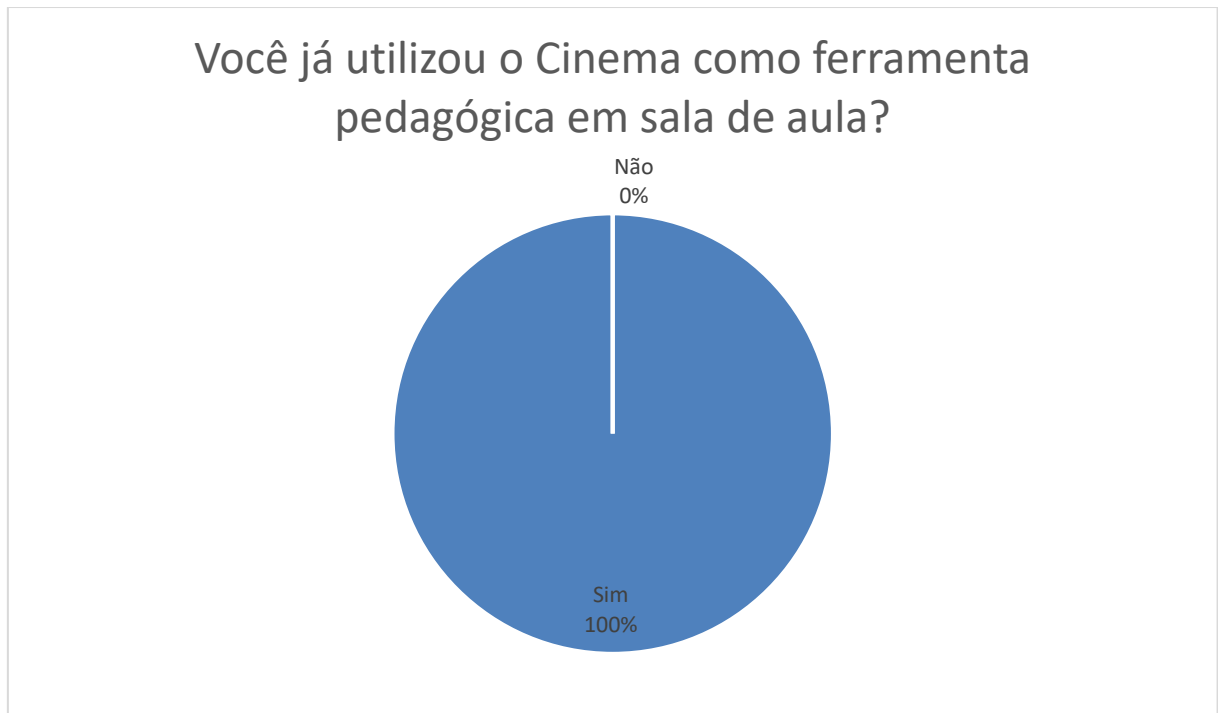
Figura 14 - Questão 02



Fonte: Elaborado pelo autor.

Este resultado reflete os resultados positivos obtidos nesta escola anteriormente e durante nosso projeto.

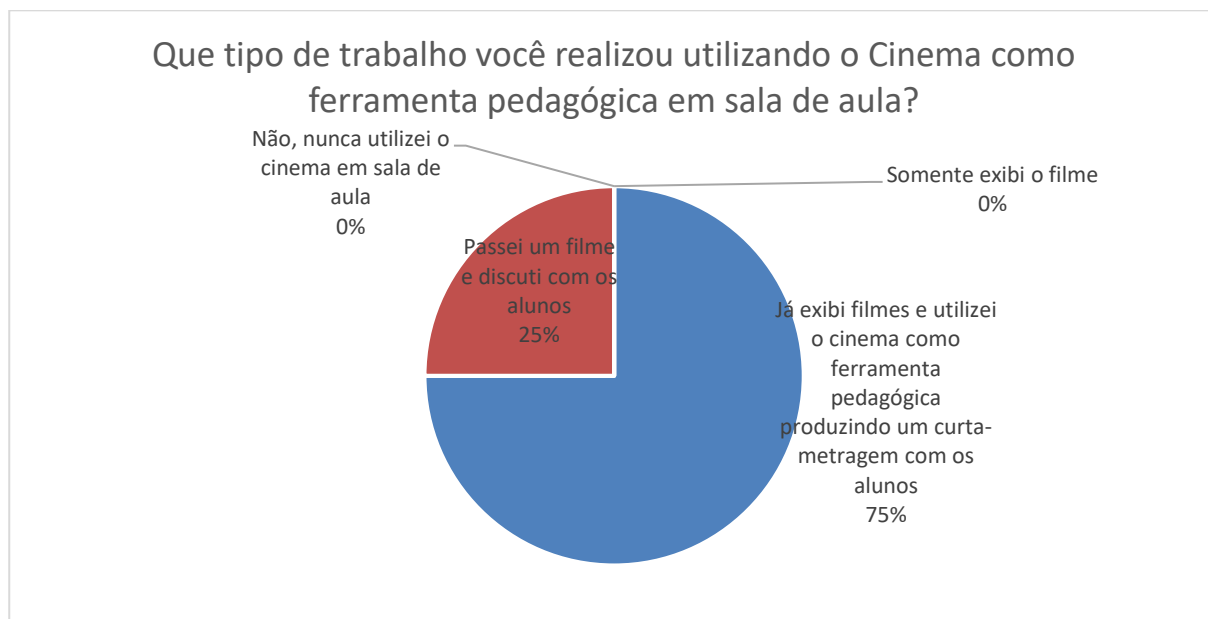
Figura 15 - Questão 03



Fonte: Elaborado pelo autor.

Outro resultado que nos remete ao trabalho em conjunto realizado por este pesquisador junto à escola e aos seus professores anteriormente. O uso do cinema começa a se tornar parte do cotidiano da Escola.

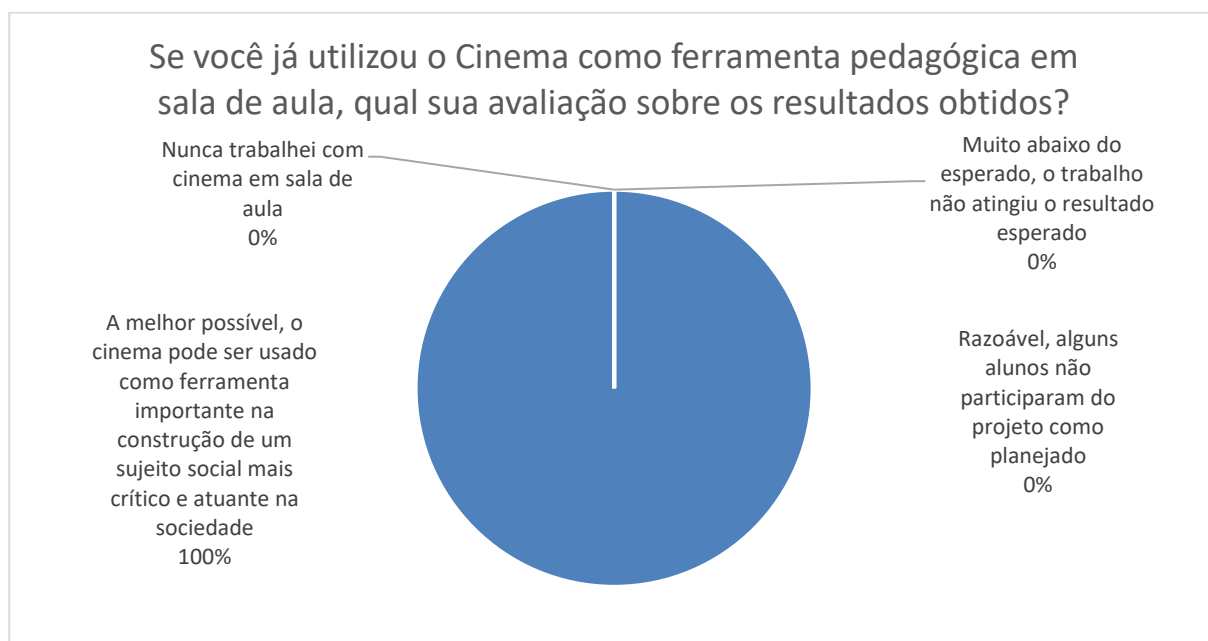
Figura 16 - Questão 04



Fonte: Elaborado pelo autor.

Nota-se aqui que o uso do cinema se tornou uma prática comum na escola, o que se demonstra muito positivo, referendando todo o trabalho já realizado nesta área.

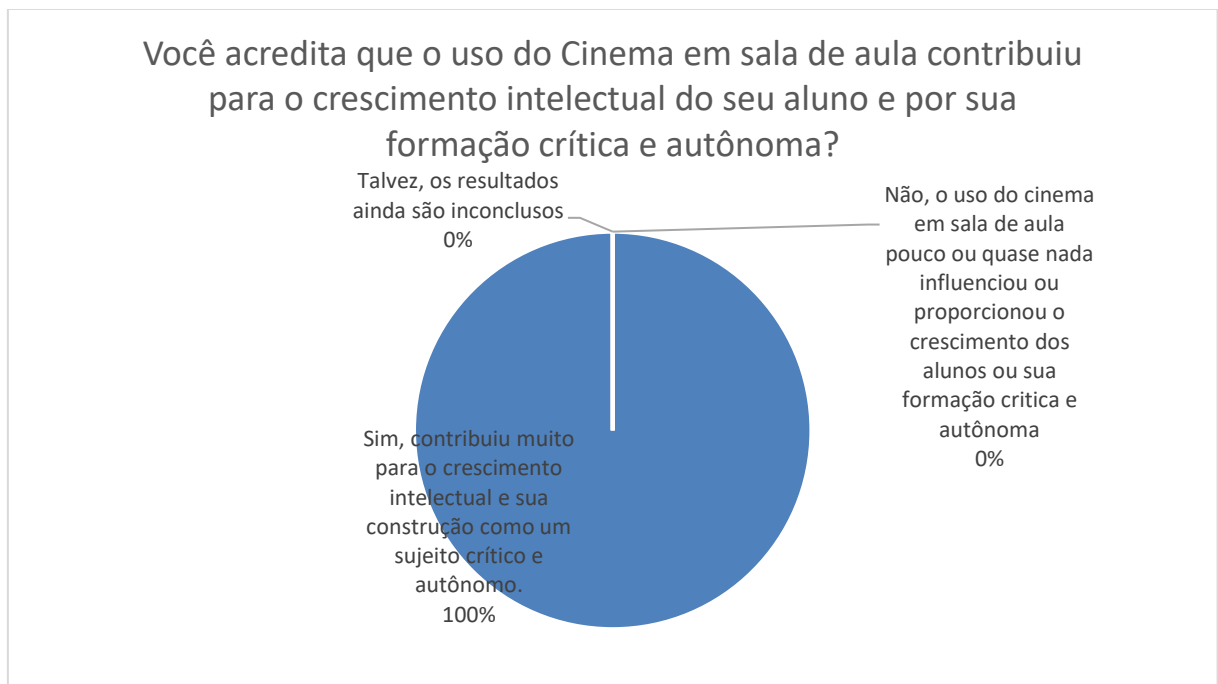
Figura 17 - Questão 05



Fonte: Elaborado pelo autor.

Outro resultado que ressalta a importância e receptividade que nosso trabalho alcançou junto ao corpo docente e discente da escola, trazendo resultados que na avaliação dos professores tem alcançado resultados otimistas a respeito do tema.

Figura 18 - Questão 06



Fonte: Elaborado pelo autor.

Aqui se percebe que o uso do cinema como ferramenta pedagógica pode ser um importante aliado para a formação de seres críticos e protagonistas de seu saber. Contribuindo muito, segundo os professores, para o crescimento intelectual e na construção de um sujeito crítico e autônomo.

Diante do exposto, ao observarmos os resultados obtidos com esse questionário, nos é possível asseverar o quanto pequenas ações plantadas outrora, no nosso dia a dia enquanto docentes, podem incentivar e inspirar outros educadores no rompimento das barreiras do medo e da insegurança e se permitam avançar em campos da educação antes não explorados e, com isso, a aspirar a novos fazeres em educação.

Sendo assim, tais resultados nos remetem para o que salientou Horst (2016, p. 97) que:

Falar sobre educação do campo pode ressignificar o sentido de direito universal à educação, já que os sujeitos do campo, ao debater sobre o assunto, desejam para os seus uma educação pautada nos princípios da coletividade e solidariedade e considerando o contexto político, econômico, social e cultural em que estão inseridos... valorizando os sujeitos do campo nas suas dimensões culturais, políticas, sociais e de produção de vida material, ou seja, vinculada aos interesses da cultura, da vida e do trabalho no campo.

Muito importante, sobretudo, é registrar aqui as percepções daqueles que foram o motivo deste estudo, os educandos e, dessa forma, revelar seus pontos de vistas, a visão de mundo que possuem, os sonhos que carregam, o olhar sobre a escola, a família e o território. Para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, cujos partícipes estão identificados por ordem alfabética, uma vez que se preserva a identidade dos mesmos.

Para a aluna A, de 15 anos, o cotidiano na escola é cansativo, mas são de grande valia, porque ela enxerga que está no último ano do ensino fundamental e os sacrifícios valerão a pena no futuro. Em relação à sua rotina em casa, ela afirma que gosta muito do lugar onde vive, e possui como sonho o seu objetivo maior, neste momento, que é passar no IFFar de São Vicente, onde já estuda seu irmão, também ex-aluno dessa escola. Após nove anos estudando na escola, a aluna diz, especialmente, que sentirá saudades de tudo que viveu na Maria Manoela.

Na perspectiva da aluna B, de 15 anos, a qual considera bom o seu dia a dia na escola, declarou que seu sonho é ser advogada e, ainda, que estudar em uma escola do campo foi diferente, já que estudou até o sexto ano em uma escola urbana, como ela disse – na cidade.

Sob a óptica do aluno C, de 16 anos, a sua rotina do dia a dia é andar a cavalo, trabalhar com os pais e estudar. Portanto, ele vê o campo como um lugar bonito de se viver e seu sonho é ser advogado. Segundo ele, o campo lhe traz paz e tranquilidade.

O aluno D, de 16 anos, nos relatou que cotidiano dele em casa é olhando TV, conversando com os pais ou passeando de moto no campo. Nos dias de aula, acorda cedo, pega o ônibus e, ao entrar na escola, adora conversar com os colegas. Seu sonho é ser youtuber, para poder dar incentivo às pessoas que não têm oportunidades e ajudá-los no mundo. Sobre a vida do campo, ele disse ser maravilhosa. Ainda declarou que, depois de tantas brigas e implicâncias com outros

colegas na escola, nunca teve a sensação de tanto amor e carinho como tem pelos atuais colegas a quem será eternamente grato por ter sido acolhido.

Vale salientar que as narrativas dos educandos sinalizam ao encontro do pertencimento à escola do campo, onde efetivam experiências diversas no dia a dia. Principalmente, o campo sendo apresentado enquanto maravilhoso, bom de se viver. Notamos, por meio da fala do aluno E, de 15 anos, a consonância de sentimentos ao declarar

O meu dia a dia é acordar bem cedo e ir pra a escola, eu adoro estudar, sou muito estudioso. Quando eu tô em casa eu ajudo meus pais na lida do campo. Gosto muito da minha casa e vou sentir saudade quando sair daqui. Meu sonho é em um dia reencontrar meus antigos colegas e saber que todos estão bem. A vida no campo é tranquila e tudo vale a pena. Eu gostaria que todos vencessem na vida e que cada um de nós pode mudar o mundo, é só querer (aluno E).

Isto posto, podemos perceber o quão relevante o território do campo significa aos educandos participantes deste estudo. Para o aluno E, quando declara sobre o campo: “tudo vale a pena”, no entanto, o que não fora dito, o que fica nas entrelinhas durante o respirar fundo a responder os questionamentos da entrevista afirma a importância do campo para estes sujeitos.

Em consonância com os demais colegas, a aluna F, de 17 anos, contou sobre o dia que vem a escola ser cheio de atividades, que adora as conversas no recreio. Em casa, auxilia os pais e joga bola com os amigos. Sobre a localidade que vive e passou a infância, ela disse que significa muito para ela e tem medo de um dia ter que ir embora e sentir falta de todos. Seu sonho é completar 18 anos e tirar uma carteira de habilitação para dirigir moto e comprar uma moto. Quanto à vida no campo, ela sempre foi muito feliz e sentirá saudades de todos, principalmente, dos colegas e da vida tranquila. A aluna F terminou sua fala afirmando que tudo valeu a pena.

Por fim, o aluno G. Este tem 19 anos é muito especial para mim e para a toda a escola, ele nasceu com um cromossomo a mais e é um jovem que tem uma vida muito participativa na escola, tanto pelo seu engajamento nas atividades e quanto pelo carinho que tem de sobra para distribuir a todos. Apesar de todas as dificuldades que a vida lhe impôs, pai e mãe doentes, o aluno G cuida da casa, principalmente da mãe que está em acamada há anos. Além disso, ele ajuda o pai, também doente, na lida diária, cuida dos animais, da horta, de muitas tarefas da

casa e, mesmo assim, dificilmente falta às aulas. Na escola, ele disse que adora comer a merenda, tem muito respeito e amor pelos professores e funcionários. Com relação ao sonho que possui, o aluno declarou que seu grande sonho é ser policial e ter uma namorada. Quando lhe perguntei sobre o que é o campo para ele, o mesmo me respondeu que tem um pé de banana em casa, um de abacate, pera, melancia, melão, abóbora, tudo que ele gosta. Uma resposta que simboliza a vida no campo.

Figura 19 - Alguém muito especial



Fonte: Arquivo Pessoal EMCEF Maria Manoela.

No cinema, o protagonista é aquele que possui o papel de destaque na trama, é em torno dele que todas as ações do filme acontecem. A história e a narrativa ganham força em ações realizadas, por ele, para ele e sobre ele.

Na escola, o protagonismo estudantil significa dar voz aos próprios alunos, é transformar o fazer educação em algo inovador, revolucionário. O protagonismo proporcionado neste estudo surge como elemento fundamental na formação desses

estudantes como pessoas humanas, cidadãos, futuros profissionais e potenciais agentes de transformação de suas comunidades na medida que compreendem seu papel na sociedade e no mundo.

Ao utilizar o cinema como ferramenta pedagógica na aprendizagem dos alunos da Escola do Campo do Município de São Gabriel, pretendia-se demonstrar o quanto esta ferramenta audiovisual poderia colaborar na construção de indivíduos autônomos e protagonistas de sua história. O Protagonismo conquistado em “fazer cinema” demonstrou o quanto esta atividade pode ser rica e estimulante aos olhos dos alunos, que ao abraçarem a proposta se dedicaram a ela e construíram seu caminho através de ações multidisciplinares e pedagógicas onde suas ações demarcaram o caminho percorrido durante todo o processo de aprendizagem e de troca de experiências. O uso do cinema mostrou-se assim uma poderosa ferramenta de aprendizagem por não delimitar caminhos e expandir consciências e sentimentos, aguçando assim o desejo por liberdade e pelo direito inabalável de sonhar.

Com relação às atividades de cinema, todos foram unânimes em declarar que, mais que diversão, o projeto propiciou uma nova maneira de olhar o mundo. Portanto, salientaram que contar uma história, mesmo que seja a deles, proporciona um entendimento de vida diferente de tudo que vivenciaram até então. Poder dominar o uso das novas tecnologias também facilitou no andamento do projeto, visto que todos já produziam vídeos em casa e compartilhavam com os colegas as atividades cotidianas. E, ainda, que a internet encurta as distâncias, embora sempre terem de procurar um lugar onde o sinal do celular conecta melhor.

O protagonismo neste estudo se deu no dia a dia dos alunos e principalmente na autonomia de suas decisões quanto ao andamento de todo o processo. O caminho a ser traçado foi por nós sugerido, porém o percurso adotado foi inteiramente decidido pelos mesmos, como cenas a serem filmadas, roteiro a ser seguido, e o que eles gostariam que fosse mostrado em seu vídeo final.

Em relação às filmagens propriamente ditas utilizadas no produto final da pesquisa (curta-metragem) é bom salientar que as mesmas foram realizadas pelos próprios alunos durante todo o projeto. A ordem era sempre filmar, não somente nossos encontros, mas também seu dia a dia na escola, na comunidade e em suas casas. Tudo era motivo para pegar o celular, ligar a câmara e acertar o foco, e apertar o botão de filmar. E isso foi feito durante todo o ano com ou sem minha

presença. Festas e eventos na escola, conversas em sala de aula ou nos corredores do educandário, viagens e formatura, nada passou em branco. O grande trabalho se deu na seleção das imagens a serem selecionadas para o trabalho final, algo que levou um tempo, pesquisa e escolha que os alunos adoraram realizar, mesmo que muitas decisões de que cena ou foto ficar ou não tenha sido precedida de muita conversação e convencimento, nada que não fosse facilmente contornado e aceito pela maioria.

Apesar de nenhum querer tornar-se um cineasta, eles adoraram participar dos filmes que produzimos no passado, e preferem atuar a produzir todo o processo. No entanto, consideram que aprenderam muito e acreditam que muito desse aprendizado levarão para sempre em suas vidas, principalmente, o companheirismo, o trabalho em equipe e as risadas soltas durante o processo. Para o futuro blogueiro, tudo foi muito proveitoso e não espera a hora de usar o que aprendeu nos workshops e gravações em suas próprias produções de seus vídeos para o YouTube. O desejo é de muita sorte a ele, certamente, iremos prestigiar.

Segundo muitos deles, fazer um filme é a coisa mais incrível do mundo, uma experiência única e desafiadora, uma grande aprendizagem que levarão para vida, história retratada em imagens com vistas a mostrarem para seus filhos e netos. Quanto a mim, sinto-me um privilegiado por ter vivido com eles esta caminhada e proporcionado a todos esta experiência que é uma experiência de vida.

Figura 20 - Filmagens



Fonte: Arquivo Pessoal.

Na busca de se certificar e de ratificar que este estudo contemplou a espiral de reflexões e ações exigidas por uma pesquisa-ação, notamos que todo o processo se iniciou com uma colaboração e consentimento mútuo, estabelecido entre o pesquisador, a equipe diretiva, os sujeitos pesquisados, professores e comunidade escolar. A partir desta cumplicidade construída, a negociação existente entre pesquisador e alunos sobre os objetivos a serem alcançados deu-se de maneira natural e sem traumas.

No emergir de um ambiente de camaradagem estabelecido entre as partes, o processo de reflexão e autoconhecimento, muito também em razão dos laços de amizade e confiança preexistentes entre educador e educandos, propiciou uma abertura e um bem-estar aos jovens que os libertou das amarras emocionais que, muitas vezes, interfere na construção destas dinâmicas.

Desta maneira, foi tranquilizador presenciar as transformações ocorridas por meio do uso do cinema e das TDICs por parte dos alunos, que asseguraram a si

mesmos a oportunidade de vivenciarem situações únicas de aprendizagem, ludicidade, comunhão e crescimento pessoal e coletivo.

Nesse sentido, a abordagem da arte cinematográfica enquanto instrumento de aprendizagem dentro do ambiente escolar, através de um viés interdisciplinar, aproximando educadores e educandos do Cinema para, assim, desenvolver o senso crítico, desvelando os aspectos culturais dos sujeitos do campo, denota papel fundamental na concepção deste estudo, devido à necessidade de se constituir espaços-tempos a fim de dialogar acerca dos múltiplos saberes produzidos no território do camponês.

Ao analisar o protagonismo proporcionado por meio do “fazer cinema” na compreensão do território desses sujeitos sociais, verificamos no decorrer de todo o processo de construção de seu aprendizado e de seu protagonismo, a compreensão da importância do seu território se deu gradualmente durante as atividades propostas e se notabilizou mais precisamente ao decorrer das entrevistas finais onde os depoimentos dos mesmos se mostrou repleto de identidade e afeto em relação a esse território. Também vale ressaltar que as relações de poder estabelecidas pelo território e as pessoas que nele habitam, aparecem em seus discursos e depoimentos. A conquista deste território e a manutenção deste poder que se estabelece entre seus integrantes aparecem também em seu amor pela terra e pelas pequenas coisas de seu dia a dia no campo.

A valorização da escola também é um ponto importante que merece ser salientado neste estudo. Tanto alunos como pais, veem na escola uma parceria a ser comemorada e exaltada, segundo os alunos, a escola faz parte de seu território, de sua casa, ela está ali e é defendida por todos como algo valioso que deve ser protegido e ampliado.

A importância desse estudo também pode ser justificada pelo crescimento do interesse dos alunos pelas dinâmicas escolares propostas pela escola durante a execução desta proposta. Segundo a Diretora Cinara Moreira, não somente os alunos imersos no projeto, mas também todos aqueles que participaram das oficinas, demonstraram um crescente aumento no interesse pelo desenvolvimento de novos saberes, ainda segundo a diretora Cinara, os alunos abriram seus corações por novas experiências algo muitas vezes difícil de ser implantado devido a resistência natural que os alunos têm em relação a mudanças e atividades que fujam de seu cotidiano e dia a dia.

Em face do exposto, verifica-se a importância desta proposta de estudo, uma vez que é relevante aos profissionais da educação do campo a compreensão da realidade de sua comunidade escolar, para juntos construírem propostas educacionais que contemplem uma visão voltada para a realidade de seus alunos. E, sobretudo, aos educandos – protagonistas de saberes e fazeres – novos olhares e novas perspectivas de aprendizagem.

Este protagonismo e crescimento foram percebidos através de depoimentos dos pais e professores, falas dos próprios alunos, atitudes que os mesmos demonstraram durante a construção do próprio processo do estudo. A conclusão e concretização do trabalho proposto, por si já é uma demonstração verossímil e irrefutável do quanto o crescimento de alunos muitas vezes tímidos, retraídos e envergonhados de seu próprio lugar de fala, deu vez a alunos mais dinâmicos, descontraídos, autoconfiantes a ponto de aprenderem a rir de si mesmo.

Verificamos que o cinema e a linguagem audiovisual quando empregados corretamente sem a imposição de uma lição de classe ou de um trabalho de final de curso, ou de simplesmente assistir a um filme qualquer para “matar tempo” ou lembrar alguma data significativa, contribui não somente na construção intelectual dos alunos como também na ampliação de seus horizontes e na sua percepção de mundo, seu lugar no planeta e até onde se deseja chegar. Ser protagonistas de seu próprio filme também auxilia para a perda da inibição, a perda daquela vergonha tão castradora, que tantas portas nos fecham. O que gerava constrangimento ontem, hoje se ver por uma tela é motivo de orgulho ou até mesmo da capacidade de rir de si mesmo, o que, com certeza, nos eleva e nos diferencia enquanto seres humanos plenos e conscientes de suas capacidades. Ainda mais em dias onde a internet encurta as distâncias, nos aproxima do mundo, dá voz aos que não tinham espaço e ajuda a diminuir desigualdades.

O estudo de todos esses aspectos mencionados e todas as atividades propiciadas referendam por si só nossa proposta de pesquisa.

Assim sendo, acreditamos que nossa proposta de estudo pelo que já foi trabalhado e analisado nos leva a crer que o cinema é uma ferramenta extraordinária de ser utilizada, pois não só corrobora para construção da autoconfiança dos sujeitos, como também dá aos alunos o protagonismo tão desejado de suas próprias vidas. Além do que, atividades como essa, preenchem um enorme vazio deixado pelas distâncias dos grandes centros, pelas dificuldades

de se comunicarem e usarem plenamente os novos e modernos meios de diversão e interação (redes sociais, filmes, *YouTube*, etc.), contribuindo imensamente para proporcionar no final de cada dia, um enorme orgulho e sentimento de dever cumprido pelos feitos atingidos por meio de seu trabalho, dedicação e protagonismos alcançados através do cinema e das ferramentas que com ele conversam.

Portanto, observamos que uma vez confortáveis com as atividades e com os educadores que trabalham junto a eles, uma vez certos da seriedade com que tratamos o que foi proposto, as respostas e as emoções captadas por nossas lentes são maravilhosas, a euforia com que planejam e executam suas tarefas, a confiança com que dividem suas ideias e experimentos convergem positivamente para os objetivos principais de nossa proposta, que é a da construção de homens livres, criativos, seres críticos e protagonistas de suas vidas, sem medo de errar e com confiança para prosseguir.

Nesse ínterim, percebemos, também, que além de formar cidadãos participativos e atuantes na sociedade e no ambiente onde habitam, estes são capazes de valorizar sua escola, o território onde vivem e onde suas famílias constroem sua liberdade financeira e retiram seu sustento, sua subsistência. Aguçando, assim, seus sentidos de pertencimento àquela terra conquistada com luta e sacrifício.

Nosso estudo é focado na construção deste jovem, na sua luta, na sua vontade de crescimento, sem a necessidade de abandonar o campo e se mudar para os centros urbanos para se realizarem como indivíduos e seres humanos pensantes e autônomos.

Partindo desta premissa, percebemos que os professores das Escolas do Campo mais do que uma tarefa, mais do que um trabalho docente, eles têm uma missão: a missão de auxiliar na construção destes sujeitos que até pouco tempo estavam às margens de uma educação propositiva e participativa, relegados a um ensino formal, convivendo com aulas precárias e conformando-se com um ensino desconectado com sua realidade não observando suas características próprias, seus espaços de lutas, suas histórias únicas e seu papel inegável na manutenção e fixação do homem ao campo, e por fim na construção e expansão territorial de nosso país.

Ressaltando estes aspectos, voltamos a salientar que, apesar de vivermos em um mundo cada vez mais conectado e globalizado, os educandos e educandas das Escolas do Campo seguem, muitas vezes, devido às longas distâncias de suas localidades, à margem dos avanços tecnológicos, mas isso não cabe mais como justificativa para se arriscar e desenvolver trabalhos criativos e propositivos com o auxílio das novas tecnologias.

Em face disso, este trabalho se destaca pela importância em oportunizar aos educadores e estudantes o contato com a arte cinematográfica, bem como as TDICs enquanto recursos para construir conhecimentos e reflexões, contribuindo, assim, para o crescimento pessoal e coletivo e, também, proporcionando espaços-tempos de discussões e atividades diferenciadas voltadas à inserção social dos sujeitos envolvidos nesta proposta pedagógica.

Entendemos que o aprendizado para ser plenamente alcançado necessita, muitas vezes, sair da rotina do dia a dia escolar. Para tanto, cabe às equipes pedagógica e administrativa da Escola, aos educadores, buscarem alternativas, o que pode ser feito por meio de uma proposta como esta, pois o “Cinema” serve como um instrumento de debate e reflexão, tão importante na formação de nossas crianças e adolescentes.

Assim, o fazer pedagógico institucionalizado não pode se restringir unicamente ao cumprimento de horários, tarefas e exercícios, visto que deve ir muito além do simples formalismo presente na transmissão de conteúdos e repasse de trabalhos desenvolvidos em sala de aula, mas sim, deve servir como fonte inspiradora na construção de novas perspectivas metodológicas no cotidiano escolar.

Enquanto elaboradores desse estudo, pretendemos que ele oportunize aos educadores e educandos um olhar mais generoso para o uso da temática cinematográfica como ferramenta pedagógica capaz de dar o protagonismo necessário para o desenvolvimento educacional e social de nossos sujeitos do campo. Uma ferramenta capaz de assegurar aos alunos uma maior autonomia e protagonismo, aspectos muito importantes para seu desenvolvimento educacional, crescimento pessoal e intelectual, assim como para a formação de seu senso crítico e autonomia.

Verificamos também que o trabalho proposto propiciou um crescimento e uma melhora acadêmica dos envolvidos, através de uma sensível evolução dos mesmos

na participação e interesse em sala de aula, para novas conquistas e melhora no seu desempenho escolar. Segundo a Professora de Língua Portuguesa Lidiane Dall’Ross, as atividades propostas na pesquisa, estimularam os alunos do 9º ano a irem em busca de novos sonhos e realizações. Ainda segundo a Professora Lidiane, foi visível a melhora das notas dos alunos com a evolução da pesquisa.

Em suma, acreditamos que esse estudo efetive uma participação mais efetiva dos agentes envolvidos, tendo em vista as transformações experienciadas no processo de ensino e aprendizagem, contemplando espaços-tempos de reflexão e construção de novos fazeres pedagógicos, também como sua relação com a terra e com o território onde vivem.

Deste modo, é relevante destacar o quão significativo este trabalho se revela, uma vez que notamos contribuições significativas para a formação de sujeitos críticos e agentes de transformação da sociedade em que vivemos, cientes do seu papel enquanto camponeses.

Contudo, o aspecto mais extraordinário que podemos e devemos destacar, é que muito mais importante que a qualidade estética das obras filmadas pelos alunos; muito mais relevante que se as técnicas apreendidas e foram corretamente utilizadas nos diversos passos da construção e produção dessas obras cinematográficas filmadas pelos educandos; muito mais marcante do que qualquer sucesso que, talvez, tenhamos alcançado no final deste estudo, o que realmente é importante de se observar e admirar – com carinho e um olhar benevolente, é o processo de autoconhecimento por eles cursado, é o caminho por eles percorrido. Portanto, bem mais importante que o resultado final desta pesquisa, sem dúvida está toda a trajetória experienciada, a construção do indivíduo, está o crescimento humano em cada um alcançado, está a caminhada percorrida, os obstáculos vencidos, os medos ultrapassados, “as vergonhas” perdidas pelo meio do caminho e, acima de tudo, a vontade de crescer, se conhecer e almejar seus objetivos. Por isso tudo sou grato a eles por me oportunizarem fazer parte desta história.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Há um poço profundo no fundo dos meus olhos,
Há uma roldana esquecida no meu coração”
(Do Autor).*

Ao retornarmos depois de dois anos à Escola Municipal do Campo de Ensino Fundamental Maria Manoela da Cunha Teixeira, instituição na qual dediquei quatro anos da minha vida docente, um clima de nostalgia e suave alegria tomou conta de mim. Muito porque, muitos daqueles alunos que comigo trabalharam, aprenderam e também me ensinaram, ainda estavam por lá. Ao reencontrar o sorriso inocente e sincero de seus lindos rostos temperados pelo sol, convenci-me do quão bons sentimentos e verdadeira dedicação são importantes para construção de nossa caminhada docente, em nossa construção como indivíduos e seres participativos e atuantes na sociedade.

Assim sendo, tentamos com esse estudo, investigar as contribuições do Cinema para a compreensão do território e da Educação do Campo em particular da EMCEF Maria Manoela da Cunha Teixeira, no município de São Gabriel.

Este estudo foi alicerçado na autonomia e protagonismo proporcionado aos alunos do 9º ano da referida escola e tiveram como campos de atuação e observação a compreensão deste território onde os mesmos estavam inseridos e a percepção de suas relações afetivas e de pertencimento para com a sua localidade, sua escola e seus familiares.

Nosso estudo procurou proporcionar a estes sujeitos sociais a liberdade dos mesmos proporem narrativas e aplicarem mecanismos de independência e de total liberdade para a construção de seus saberes, oferecendo através do cinema, uma poderosa ferramenta pedagógica capaz de desnudar o véu da acomodação que muitas vezes controla as salas de aula de nosso país.

Através do fazer cinema, foi possível oferecer a estes estudantes uma nova perspectiva pedagógica capaz transformá-los de meros espectadores, receptores e repetidores de conhecimento, em seres autônomos e protagonistas da sala de aula e na construção do ensino-aprendizagem a que eram expostos. Foi através do fazer cinema que pode se vislumbrar nestes jovens que a passividade muitas vezes demonstrada em sala de aula são reflexos espontâneos de uma educação

opressora que não permite aos educandos terem uma participação mais ativa e propositora.

As oficinas de cinema foram realizadas com todos os alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, no entanto, a turma que participou para a aplicação de nossos estudos, foi a turma de 9º ano da Escola, turma essa que já havia trabalhado comigo em projetos de Cinema e Audiovisual alguns anos atrás. Assim sendo, logo que nos reunimos, começamos a delinear nossa estratégia de trabalho e estudo.

Figura 21 - Turma do 9º ano



Fonte: Arquivo Pessoal.

Após as oficinas terem sido ministradas, foi decidido que os alunos do 9º ano contariam, em vídeo, um pouco do seu dia a dia, do seu modo de vida enquanto alunos oriundos do campo, suas perspectivas em relação ao futuro e, principalmente, na relação que estabelecem junto ao território em que habitam.

Ficou definido, ainda, que os sujeitos sociais alvo deste estudo filmariam durante alguns dias, todo o seu dia a dia, seu cotidiano, desde a hora em que acordam até a hora de irem dormir: um dia de aula e um dia em casa, durante suas

“lidas” diárias, seus afazeres, responsabilidades e momentos de brincadeiras e lazer junto à família.

Vale salientar que outro aspecto a ser estudado e elencado em nossa pesquisa tratou-se das relações de poder que aqueles jovens mantêm com aquele território e sua vida no campo, aspecto este que foi analisado tendo como embasamento as filmagens e entrevistas realizadas.

A partir da confiança mútua já existente e da possibilidade de passarmos mais tempo juntos foi criado um ambiente propício para que esta metodologia fosse aplicada. Sendo assim, foi possível firmar um elo de amizade e cumplicidade com o grupo que participou do estudo, fato este que diminuiu as distâncias entre o pesquisador e os sujeitos envolvidos no contexto da investigação.

Antes e após a realização dos trabalhos cinematográficos produzidos pelos alunos, onde eles narraram sua visão do território em que vivem e suas impressões a respeito da relação de poder e pertencimento a esse território em que estão inseridos, foram realizados encontros com conversas onde eles falaram sobre suas expectativas em relação ao projeto e ao que foi alcançado, seus sentimentos em relação ao campo, seu sentimento de pertencimento àquele território de luta e poder, sua maneira de ver o mundo e as transformações que nele acontecem.

Doravante as filmagens realizadas pelos alunos, notamos que eles participaram com uma nova visão e entendimento sobre as propostas lançadas e seu lugar no mundo e na sociedade. Já mais maduros e conscientes de seu lugar de fala se compararmos às suas visões de mundo que tinham alguns anos atrás, foi surpreendente observar o crescimento não só no aspecto pedagógico, mas também em suas relações com o meio, o território, a escola e aos seus sonhos e perspectivas quanto ao futuro que estava logo ali.

Ao analisarmos o resultado final do produto fílmico desenvolvido pelos alunos e seus possíveis impactos no desenvolvimento de saberes e de aprendizagem dos mesmos, observamos a necessidade dos sujeitos da pesquisa em valorizar ao máximo toda a sua trajetória e todo o percurso percorrido, não só em relação à pesquisa em questão, mas também e principalmente de suas vivências e memórias afetivas desenvolvidas durante todos os seus anos na Escola Maria Manoela, durante toda sua infância no campo, valorizando a família, as amizades conquistadas e acima de tudo seu amor pela terra, pelo território conquistado pelos

seus pais, todos pequenos produtores que ali chegaram e construíram a partir de um sonho em comum sua realidade baseada no trabalho e no amor a natureza.

Verifica-se também que o vídeo final conta um pouco a trajetória de todos que ali chegaram e que de uma maneira ou de outra construíram seu legado além das salas de aula da Escola do Campo Maria Manoela e através deste aprendizado proporcionado pelo estudo em questão, foram capazes de sonhar com conquistas futuras muitas vezes esquecidas pelo descaso de um ensino público desconexo com a realidade da vida do campo e de sua simplicidade.

Talvez o maior impacto deste estudo na vida destes alunos, seja o entendimento de que suas conquistas estão diretamente relacionadas com sua auto-percepção como sujeitos críticos, autônomos e protagonistas de sua história e da sua construção como cidadãos livres e independentes. Jovens capazes de escrever sua própria história e de correrem atrás de seus sonhos e aspirações. Sem nunca abandonarem suas raízes, seu território, sua herança cultural. O Cinema se torna assim um instrumento agregador, uma ferramenta de construção de conhecimento e de saberes muitas vezes inerentes a natureza humana, que apenas permaneciam adormecidos pela falta de oportunidades de que viessem à tona. A criatividade, a liderança e até mesmo o espírito de trabalhar em equipe, são exemplos de capacidades que não se manifestam naturalmente muitas vezes, quando a escola em sua estrutura hierárquica e patronal inibe nossos alunos de se manifestarem de forma positiva e autônoma.

Nesse sentido, através dos filmes realizados, analisamos que existe uma percepção junto aos educandos de que território e poder mantém uma relação estreita e indissociável. Para isto, foi possível verificar, por meio de seus depoimentos e conversas, o quanto a relação da posse da terra ressignifica esta relação de poder e como ela se manifesta nas relações interpessoais dos alunos e na maneira que esse poder se estabelece em suas relações com colegas em situação de menor ou maior vulnerabilidade. Portanto, o valor da terra e o poder que ele representa está bem estabelecido em suas percepções, não de uma maneira autoritária, mas sim numa conscientização de respeito e de luta pela terra e o que ela significa para toda a sua família.

Dessa forma, observamos, principalmente pelas respostas à entrevista gravada em vídeo, que os alunos em estudo mantêm um estreito vínculo com sua comunidade, suas casas e o território onde vivem, e que apesar de o sonho de

quase todos seja de continuar os estudos fora dali, também é perceptível a imensa vontade de se manterem os vínculos, não somente afetivos, mas também vínculos profissionais com a terra, com o campo e com suas famílias, haja vista que, em todas as oportunidades, os educandos faziam referências afetivas, repletas de amor e carinho para com seus familiares.

A relação Território X Poder ficou bem estabelecida ao demonstrarem em seus vídeos e depoimentos a importância que dão à posse da terra e do valor que ela representa no meio que vivem, relação esta mencionada por todos como fonte de orgulho e desejo de crescimento pelo seu trabalho e pela importância que tem, segundo os mesmos, a produção de alimentos em um país cuja economia é baseada e ancorada por muitos anos no setor agrário, se da economia não só da sua localidade, mas também de sua Cidade, estado e País.

Esta relação de poder se manifesta não somente pela posse da terra, como também no domínio desse território, do chamado território de ação, onde suas lutas e conquistas se estabeleceram e se estabelecem, onde o sentimento de pertencimento os faz se apropriar desse território, muitas vezes um território de lutas, onde é formada sua identidade como povo que nele vive e tira seu sustento, onde se identificam como indivíduos e se expressam através de relações naturais ou biológicas, culturais, políticas, sociais e econômicas.

Diferente do que se possa imaginar de jovens oriundos de uma localidade em que a base de seus habitantes são assentados e pequenos produtores, o sentimento de opressão/oprimido não se manifesta em sua falas e/ou trabalhos, pois se sentem parte, e com orgulho, de uma população de pequenos, e alguns já médios, agricultores que tiram seu sustento da terra e, com isso, também geram riquezas para sua família e para sua comunidade. Percebe-se uma profunda vontade de crescer na vida de lutarem por novas oportunidades, uma vez que demonstram uma grande necessidade de vencerem e alcançarem seus objetivos – mesmo que seja apenas o de continuar na terra, trabalhando com seus pais no campo e lutando por uma vida melhor.

Em face disso, todos têm seus objetivos muito bem traçados, sabem o que querem e não tiveram vergonha de dividirem estes sonhos comigo, o que para mim foi motivo de muita satisfação pessoal pela confiança depositada e, principalmente, de agradecimento, por termos estreitado nossa relação para um nível de confiança e cumplicidade sempre desejado, mas poucas vezes conquistados por um educador.

Em concordância com Codevila (2019, p. 50), ratificamos a fala da pesquisadora que nos diz que:

No decorrer da história, as políticas educacionais eram voltadas ao meio rural, e não ao povo do meio rural. Isto evidencia uma educação que negava a voz do sujeito do campo tanto como política quanto a aspectos pedagógicos. O que efetivava um processo de ensino e aprendizagem que valorizava, sobretudo, o ensino da construção da mão de obra e a serviço do capital.

Todavia, a educação do campo – demanda da luta dos Movimentos sociais – enfatiza a valorização do campo e do sujeito do campo, a organização do trabalho e, inclusive, a relação que o homem tem com o campo, cuja documento “Educação do Campo: marcos normativos” da extinta Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão aponta:

A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos em defesa de projetos que associam a soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país (BRASIL, 2012, p. 33).

Ou seja, é no campo e do campo que vem nosso alimento, é no campo e do campo que provém o sustento de nosso país, e é no campo que os filhos do campo querem ficar. E os que assim não o quiserem, pois são seres livres e protagonistas de seu próprio destino, só nos resta à missão de ajudá-los a encontrar e escrever seu próprio caminho – papel importante o qual a escola do campo protagoniza.

Ao analisarmos se a utilização do cinema e da linguagem audiovisual corroborou para o crescimento interpessoal, coletivo e do amadurecimento de tais sujeitos como cidadãos pensantes e autônomos, surpreendeu-nos que o uso do cinema, como foi proposto, oferecendo aos mesmos todo o protagonismo do processo, conferiu a eles também uma capacidade de se auto-perceberem em suas falas e filmes, ajudando-os a se constituírem enquanto seres críticos capazes de se tornarem protagonistas de sua própria história, de sua própria vida, não apenas meros expectadores de um mundo que passa voando frente seus olhos, como os carros que desaparecem na RS-158, rodovia estadual que permeia seu território e seus anseios rumo às grandes cidades e centros urbanos que ela conecta, como São Gabriel e Santa Maria.

Para finalizarmos, nos cabe salientar que o uso do cinema como ferramenta pedagógica na construção da educação do campo se dá através das ferramentas pedagógicas oferecidas através de uma atividade como essa, onde os alunos deixam de serem meros receptores do conhecimento e através de uma perspectiva de superação de seus medos e de seu consequente estado de opressão, passam a serem protagonistas propositivos de suas ideias e procura pelo conhecimento e por sua construção de saberes. A própria relação de poder existente secularmente entre escola x alunos, é transgredida e recriada através de uma visão mais democrática e acolhedora, onde os alunos são valorizados em uma perspectiva de liberdade e valorização.

Assim sendo, o cinema quebra paradigmas, abala as estruturas de poder existentes nas escolas tradicionais e redefine conceitos de escola/aluno e suas devidas importância e participação. Em um território de um passado conflagrado em disputas pela terra que se estendem por mais de 200 anos como na região de São Gabriel, o cinema nasce como ferramenta importantíssima para a construção de uma narrativa construída através dos olhos de quem vive e viveu muitos anos sem poder contar sua própria história, capaz agora de poder reescrever seu passado.

O cinema então surge como um instrumento libertador e através destes conhecimentos adquiridos durante todo este processo de ensino-aprendizagem de nosso projeto, capacita a estes sujeitos sociais a fazerem a diferença no que tange ao protagonismo necessário para o crescimento de sua autoestima, assim como na possibilidade de poderem contar sua própria história, de suas famílias e de sua localidade.

Diante do exposto, este estudo tem o foco concentrado na transformação dos indivíduos, por meio da informação, capacitação e desenvolvimento de valores, assim como o da valorização do espaço e do território onde estes constroem sua própria história. Dessa forma, com este trabalho, esperamos proporcionar aos professores e estudantes uma nova visão da Educação; uma visão na qual os métodos tradicionais e os modernos possam fundir-se em novas possibilidades de aprendizado e crescimento pessoal e coletivo.

Aspiramos, sobretudo, contribuir para o crescimento e fortalecimento de uma sociedade mais humana e propositiva, alinhadas com uma visão de mundo proativa e conciliadora, estabelecendo e estreitando laços de luta e resistência do homem do campo, bem como sua sobrevivência e permanência na terra, contribuindo, assim,

para o reconhecimento desse território como parte importante nas relações de poder e pertencimento das famílias desses filhos de assentados que persistem e insistem em viver do campo, da terra que lhes traz o fruto e o pão de cada dia e com orgulho de nela permanecerem e continuarem.

Para finalizar, em observância a tudo aqui exposto, não somente por mim, mas também pelos professores da escola, pais e principalmente a percepção dos alunos, objetos desta pesquisa, só nos resta responder ao questionamento que nos trouxe até aqui: o Cinema pode sim contribuir e muito para efetivar as dinâmicas da Educação do campo, bem como no resgate da cultura tradicional do sujeito do campo no caso da EMCEF Maria Manoela da Cunha Teixeira no município de São Gabriel. A resposta se chancela pela simples obviedade: Cinema é arte; e arte é vida; e vida é criação, é sentimento, é pertencimento, é poder, é permitir-se ser, é amar, é sofrer, é conquistar seu território, é perder, é morrer, é estudar, é aprender, é trabalhar na terra, colher seus frutos, é fazer cinema, é não enlouquecer. Enfim, é viver plenamente a vida e o legado construído por nós mesmos em nosso protagonismo. O trabalho realizado pelos alunos está disponível e pode ser visualizado no endereço eletrônico: https://youtu.be/jCaLw-762_Y.

REFERÊNCIAS

BERGER, Hartwig. O dilema da entrevista de pesquisa. **Revista do IFCH/UFRGS**, Porto Alegre, ano 6, p. 211-258, 1978.

BEZZI, Meri Lourdes. Região: desafios e embates contemporâneos. In: SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA (Org.). **Desigualdades Regionais**. Salvador: SEI, 2004. p. 39-87. (Série Estudos e Pesquisas, 67). Disponível em: <https://www.sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1166&Itemid=284>. Acesso em: 13 abr. 2019.

BRASIL. **Educação do Campo: marcos normativos**. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, 2012.

_____. Lei nº 13.278, de 2 de maio de 2016. Altera o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte. **Diário Oficial da União**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 03 maio 2016. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13278.htm>. Acesso em: 13 maio 2020.

BURCH, Noel. **Práxis do Cinema**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CALDART, Roseli Salete. Elementos para a construção do projeto político e pedagógico da Educação do Campo. **Trabalho necessário**, Niterói, v. 2, n. 2, p. 01-16, 2004. < <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/3644>>. Acesso em: 20 dez. 2019.

_____. Educação do Campo. In: CALDART, Roseli Salete et al. (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro; São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 257-265.

CODEVILA, Daniele Machado. **Educação do campo e comunidade remanescente quilombola do cerro do ouro – São Gabriel/RS: territorialidades em resistência**. 2019. 147 p. Dissertação (Mestrado em Geografia)-Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019.

COSTA, Sandra Regina Santana; DUQUEVIZ, Barbara Cristina; PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira. Tecnologias Digitais como instrumentos mediadores da aprendizagem dos nativos digitais. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 19, n. 3, p. 603-610, dez. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572015000300603&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 maio 2020.

FARLEX. Stop motion. **The Free Dictionary**, [S.l.], 2020. Disponível em: <<https://www.thefreedictionary.com/Stop-action>>. Acesso em: 13 maio 2020.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Os campos da pesquisa em Educação do Campo: espaço e território como categorias essenciais. In: MOLINA, Mônica Castagna (Org.). **Educação do Campo e Pesquisa: questões para reflexão**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006. p. 27-39.

_____. Questão agrária: conflitualidade e desenvolvimento territorial. In: BUAINAIN, Antônio Marcio (Org.). **Luta pela terra, reforma agrária e gestão de conflitos no Brasil**. Campinas: UNICAMP, 2008. p. 173-230.

_____. Sobre a tipologia de territórios. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério (Orgs.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão popular, 2009. p. 197-215.

_____.; MOLINA, Mônica. O Campo da Educação do Campo. In: MOLINA, Mônica Castagna; JESUS, Sonia Meire Santos Azevedo de (Orgs.). **Contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo**. Brasília, DF: Articulação Nacional "Por Uma Educação do Campo", 2004. p. 32-53.

FERRARI, Márcio. Lev Vygotsky, o teórico do ensino como processo social. **Nova Escola**, [S.l.], 01 out. 2008a. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/382/lev-vygotsky-o-teorico-do-ensino-como-processo-social>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

_____. Jean Piaget, o biólogo que colocou a aprendizagem no microscópio. **Nova Escola**, [S.l.], 01 out. 2008b. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/historia/pratica-pedagogica/jean-piaget-428139.shtml>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

FERREIRA, Marcos Ramon Gomes. Projeto Cinema e Filosofia na Escola. **Blog do Colun**, [S.l.], 27 ago. 2008. Disponível em: <<http://blogdocolun.blogspot.com/2008/08/projeto-cinema-e-filosofia-na-escola.html>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

FIGUEIREDO, Osório Santana. **São Gabriel desde o princípio**. 2. ed. Santa Maria: Pallotti, 1980.

FONTOURA, Mirieli Silva. **As interfaces do acolhimento dos estudantes egressos da escola itinerante do MST: desafios da Escola Estadual de Ensino Fundamental Ataliba Rodrigues das Chagas - São Gabriel**. 2014. 129 p. Dissertação (Mestrado em Geografia)-Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

GOMES, Ruth Cristina Soares; GHEDIN, Evandro. O desenvolvimento cognitivo na visão de Jean Piaget. In: GHEDIN, Evandro (Org.). **Teorias Psicopedagógicas do Ensino Aprendizagem**. Boa Vista: UERR Editora, 2012. p. 215- 232.

GUIGUE, Amaud. Cinema e experiência de vida. In: MORIN, Edgar (Org.). **A religião dos saberes: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p. 324-330.

HAESBAERT, Rogerio. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.) **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 169-190.

_____. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multi-territorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HARVEY, David. **Espaços de Esperança**. São Paulo: Loyola, 2004.

HORST, Karyn. **Do chão batido à sala de aula: a territorialização do MST na constituição da Escola Estadual de Ensino Fundamental Ataliba Rodrigues das Chagas - São Gabriel – Rio Grande do Sul.** 2016. 201 p. Dissertação (Mestrado em Geografia)-Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico de 2010.** Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

MARTINS, Susana. O que é um tratamento em roteiro de cinema. **DicaZine**, [S.l.], 7 jul. 2014. Disponível em: <<https://www.dicazine.com.br/o-que-e-um-tratamento-em-roteiro-de-cinema>>. Acesso em: 13 abr. 2020.

MEURER, Ane Carine. Projeto político-pedagógico escolar: questões a serem refletidas nas escolas do campo. In: MATOS, Kelma Socorro Alves Lopes de et al. (Orgs.). **Experiências e Diálogos em Educação do Campo.** Fortaleza: Edições UFC, 2010. p. 11-24.

_____.; DAVID, Cesar De. O projeto político-pedagógico dos movimentos sociais: o que a educação formal tem para aprender com eles? **Educação**, Santa Maria, v. 37, n. 3, p. 509-521, ago. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/4881/3976>>. Acesso em: 29 mar. 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 29. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 9-29.

MOREIRA, Marco Antonio. **Teorias de Aprendizagem.** São Paulo: Epu, 1999.

NAME, Leonardo. **Geografia Pop: o cinema e o outro.** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Ed. Apicuri, 2013.

PEREIRA, Ana Maria. O. **Aprender e ensinar geografia na sociedade tecnológica: possibilidades e limitações.** Curitiba: Appris, 2019.

PETRARCA, Humberto Arleo. **Poli no Cinema.** 2014. 19 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Cinema e Linguagem Audiovisual)-Universidade Estácio de Sá, São Gabriel, 2014.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder.** Editora Ática: São Paulo, 1993.

SANTOS, Anderson Luiz Machado dos. **O emergir de um novo território camponês: conquistas e transformações nos domínios do latifúndio – o caso de São Gabriel – RS.** 2012. 200 p. Dissertação (Mestrado em Geografia)-Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.

SÃO GABRIEL. Decreto Executivo n.º 057, 28 de agosto de 2018. Altera nomenclatura de escolas. **Prefeitura Municipal de São Gabriel**, Secretaria Municipal de Administração, 28 ago. 2018. Disponível em: <<https://www.saogabriel.rs.gov.br/Portal/comunidade/ad96a7f7af047530be2b245ad449c3d1223135984.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2020.

_____. **Localização.** São Gabriel, 2019a. Disponível em:
<<http://www.saogabriel.rs.gov.br/Portal/conheca/localizacao.html>>. Acesso em: 20
abr. 2019.

_____. **Projeto Político-Pedagógico:** Escola Municipal do Campo de Ensino
Fundamental. São Gabriel, 2019b.

_____. **História.** São Gabriel, 2020a. Disponível em:
<<http://www.saogabriel.rs.gov.br/Portal/conheca/historia.html>>. Acesso em: 13 maio
2020.

_____. **Economia.** São Gabriel, 2020b. Disponível em:
<<http://www.saogabriel.rs.gov.br/Portal/conheca/economia.html>>. Acesso em: 13
maio 2020.

THIEL, Grace Cristiane; THIEL, Janice Cristine. **Movie takes, a magia
do cinema na sala de aula.** Curitiba: Aymarã, 2009.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educ. Pesqui.**, São
Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, dez. 2005. Disponível em:
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-
97022005000300009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022005000300009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 13 abr. 2020.

**APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO APRESENTADO AOS PROFESSORES DA
EMCEF MARIA MANOELA DA CUNHA TEIXEIRA**

1. Qual a atual função que você exerce neste momento na Escola?

Professor Funcionário Pais Aluno Equipe diretiva SEME

2. Você acredita que o cinema pode ser usado como instrumento pedagógico nas escolas?

SIM NÃO TALVEZ

3. Você já utilizou o Cinema como ferramenta pedagógica em sala de aula?

SIM NÃO

4. Que tipo de trabalho você fez utilizando o cinema como ferramenta pedagógica em sala de aula?

Passei um filme e discuti com os alunos

Somente exibi o filme.

Já exibi filmes e já utilizei o cinema como ferramenta pedagógica produzindo um curta-metragem com os alunos.

Não, nunca utilizei o cinema em sala de aula.

5. Se você já utilizou o Cinema como ferramenta pedagógica em sala de aula, qual sua avaliação sobre os resultados obtidos?

A melhor possível, o cinema pode ser usado como uma ferramenta importante na construção de um sujeito social mais crítico e atuante na sociedade.

Razoável, alguns alunos não participaram do projeto como o planejado

Muito abaixo do esperado, o trabalho não atingiu o resultado esperado.

Nunca trabalhei com cinema em sala de aula

outra resposta

6. Você acredita que o uso do Cinema em sala de aula contribuiu para o crescimento intelectual do seu aluno e por sua formação crítica e autônoma?

Sim, contribuiu muito para o crescimento intelectual e sua construção como um sujeito crítico e autônomo.

Não, pouco ou quase nada influenciou ou proporcionou o crescimento dos alunos o uso do cinema em sala de aula.

Talvez, os resultados ainda são inconclusos.

Outra resposta

**APÊNDICE B - ENTREVISTA COM OS PAIS DOS ALUNOS DA EMCEF MARIA
MANOELA DA CUNHA TEIXEIRA**

1. Há quantos anos sua família vive no campo?

2. Quantos filhos seus estudam ou já estudaram nesta Escola do Campo?

() um () dois () três () mais de três

3. Qual sua percepção sobre a qualidade do ensino da escola?

() Muito Boa () Boa () regular () abaixo do desejado

4. Qual a importância da existência da escola do campo para sua família?

5. Como você vê o lugar onde vive?

6. Qual é seu sonho?

7. O campo em uma palavra para você?

**APÊNDICE C - ENTREVISTA COM OS ALUNOS DA EMCEF MARIA MANOELA
DA CUNHA TEIXEIRA**

1. Qual a sua idade e que série você está?
2. Como é seu dia a dia no campo?
3. Como você vê o lugar onde vive?
4. Qual é seu sonho?
5. O campo em uma palavra para você?

APÊNDICE D - ROTEIRO DE ATIVIDADES APLICADAS DURANTE O PROJETO COM OS ALUNOS DA EMCEF MARIA MANOELA DA CUNHA TEIXEIRA

03 de julho e 07 de agosto de 2018: Participação como Palestrante do **I Curso de Educação do Campo de São Gabriel/RS**, com a palestra intitulada: **Produção Cinematográfica nas Escolas do Campo**, com carga horária de 08 horas;

20 de março de 2019: Retorno a escola e primeira visita de diagnóstico. Foi realizado o primeiro encontro com direção, professores e alunos;

17 de abril de 2019: Análise de documentos da escola;

24 de abril de 2019: Entrevista com o Coordenador das Escolas do Campo do Município de São Gabriel;

26 de abril de 2019: Entrevista com o Diretor de Comunicação Social da Prefeitura Municipal de São Gabriel;

Maio de 2019: Minicurso sobre o uso do cinema em sala de aula para os Professores e alunos da educação básica da EMCEF Maria Manoela da Cunha Teixeira;

Junho de 2019: Oficinas de Roteiro com os alunos do 9º ano da escola;

Julho de 2019: Oficina de com equipamentos de filmagem e técnicas de uso;

14 de agosto de 2019: Prática cinematográfica. Uso de equipamentos, aplicação nas filmagens, planos, ângulos, captação do som etc;

18 de setembro de 2019: Oficina de resgate da historicidade, estudo e compreensão do território em que vivem;

04 de outubro de 2019: Participação dos alunos da Feira do Livro e da 1ª Mostra de Cinema estudantil, organizada por mim, com a exibição do curta-metragem produzido na escola no ano de 2016 onde muitos desses mesmos alunos do 9º participaram.

Outubro e novembro de 2019: Observação das filmagens, orientações aos processos de construção do roteiro e edição e montagem dos vídeos produzidos;

Novembro de 2019: Viagem com os alunos a Fazenda Ecológica Quinta da Estância no município de Viamão;

02 e 04 de dezembro de 2019: Última visita a escola e encontro com os alunos onde foi finalizado os últimos detalhes do projeto.